



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CLÁUDIA REGINA GARAVELLO

Contribuição de uma proposta educativa vivencial para a formação de valores e de
comportamentos ecológicos: O caso da Oficina Refazer

Brasília, junho de 2018

CLÁUDIA REGINA GARAVELLO

Contribuição de uma proposta educativa vivencial para a formação de valores e de comportamentos ecológicos: O caso da Oficina Refazer

Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração: Educação ambiental e educação do campo-EAEC

Orientadora Profa. Dra. Claudia Marcia Lyra Pato

Brasília, junho de 2018

CLÁUDIA REGINA GARAVELLO

Contribuição de uma proposta educativa vivencial para a formação de valores e de comportamentos ecológicos: O caso da Oficina Refazer

Dissertação de Mestrado submetido ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração: Educação ambiental e educação do campo-EAEC

Aprovada em 29 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Claudia Marcia Lyra Pato (Presidente)

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de Brasília

Professora Doutora Vera Margarida Lessa Catalão (Examinadora)

Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade de Brasília

Professor Doutor Irineu Tamaio (Examinador externo)

Faculdade de Planaltina – Universidade de Brasília

Professora Doutora Rosangela Azevedo Corrêa (Suplente)

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Garavello, Cláudia Regina

Gc

Contribuição de uma proposta educativa vivencial para a formação de valores e de comportamentos ecológicos: O caso da Oficina Refazer / Cláudia Regina Garavello; orientador Claudia Marcia Lyra Pato. -- Brasília, 2018.

109 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2018.

1. Educação ambiental. 2. Proposta educativa vivencial.
3. Valores humanos. 4. Comportamento ecológico. 5. Método misto. I. Lyra Pato, Claudia Marcia, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

A você **NOÉ**, que em **todos, todos**, os momentos desta jornada esteve ao meu lado.
Você representa a essência utópica da vida.



AGRADECIMENTOS

Gratidão a **DEUS**, por tudo.

Gratidão a **GAIA**, pelo acolhimento generoso.

Gratidão aos meus **PAIS**, pela minha existência, e pelos exemplos concretos que dão a minha vida um real significado.

Gratidão à **SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL**, pela oportunidade de caminhar de maneira inteira nesta jornada.

Gratidão a minha querida orientadora **CLAUDIA PATO**, que permitiu ser eu mesma!

Gratidão **A TODAS AS PESSOAS** que, em algum momento desta jornada, se fizeram presentes, da maneira certa.

Nós somos as pessoas que estávamos esperando.

Profecia Hopi

RESUMO

Diante do agravamento da crise ambiental, sobretudo no Brasil, torna-se cada vez mais urgente a transformação das relações pessoa-natureza para assegurar as condições de vida no planeta Terra. Nesse contexto, a Educação Ambiental exerce um papel fundamental, uma vez que tem na base a intencionalidade de transformar relações e mudar comportamentos. Tendo como referência o modelo explicativo sobre as relações entre valores e comportamentos, esse estudo de método misto investigou a contribuição de uma proposta educativa vivencial para a formação de valores e ampliação da percepção de comportamentos ecológicos, considerando a sustentabilidade socioambiental. Foi realizada uma prática educativa vivencial denominada Oficina Refazer, em quatro grupos distintos, sendo dois no Distrito Federal e dois na cidade goiana de Luziânia, com a participação de 43 pessoas, que foram voluntárias e tiveram a garantia de sigilo e anonimato. Os resultados apontaram que os participantes ampliaram a percepção acerca dos problemas socioambientais e suas inter-relações, se tornando mais sensíveis às questões ambientais, e relatando agir de modo mais sustentável, compatível com os comportamentos ecológicos. Embora esse estudo tenha sido realizado apenas no Distrito Federal, em nesta cidade do entorno goiano, e com voluntários, os resultados evidenciam o potencial que a abordagem vivencial em educação ambiental tem para promover mudanças significativas na relação da pessoa com a natureza. Estudos futuros devem explorar outros contextos socioculturais, bem como ampliar a duração do processo formativo, de modo a possibilitar mudanças duradouras e comparações entre as distintas realidades.

Palavras-chave: Educação ambiental. Proposta educativa vivencial. Valores humanos. Comportamento ecológico. Método misto.

ABSTRACT

The worsening of the environmental crisis, especially in Brazil, requires urgent transforming in the relationships between person and nature to ensure the conditions of life on Earth. In this context, Environmental Education plays a key role since it is based on the intentionality of transforming relationships and changing behaviors. Based on the explanatory model on the relationship between values and behaviors, this mixed method study investigated the contribution of an experiential educational proposal for the educational of values, the awakening of the environmental perception and ecological behavior to achieve socioenvironmental sustainability. For this, the educational practice named *Remake Workshop* was done with four different groups, two in the Federal District and two in a city in neighbor state of Goias. The four group in total had 43 participants who were volunteers and had the guarantee of confidentiality and anonymity. The results showed that the participants broadened the perception about socio-environmental problems and their interrelationships, became more sensitive to environmental issues, and reported more sustainable behaviors, consistent with ecological behavior. Although this study was conducted with small samples who were volunteers, the results highlight the potential that the experiential approach of environmental education has to promote significant changes in the relationship between human being and nature. Future studies should explore other sociocultural contexts, as well as extend the length of the educational process, in order to allow for lasting changes in these relationships between people-nature and comparisons between different realities.

Keywords: Environmental educational. Experiential educational proposal. Human values. Ecological behavior. Mixed method.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE SIGLAS	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE QUADROS	xiv
LISTA DE TABELAS	xv
MEMORIAL	xvi
INTRODUÇÃO	18
1-PROPOSTA EDUCATIVA VIVENCIAL OFICINA REFAZER	21
2-REFERENCIAL TEÓRICO	35
2.2.Comportamento Ecológico: definição e medidas.....	35
2.2.Valores Pessoais.....	40
2.3.Percepção Ambiental: conceitos e definições.....	45
3-MÉTODO	51
3.1.Contextualização do ambiente de pesquisa.....	51
3.2. Amostra.....	52
3.3. Instrumentos.....	53
3.3.1.Questionário de Valores Refinado (PVQ-R).....	53
3.3.2.Escala de Percepção de Comportamento Ecológico (EPCE).....	53
3.3.3.Percepção Ambiental.....	53
3.3.4.Que vida é essa?.....	54
3.3.5.Uso da Água.....	54
3.3.6. Roteiro da Roda de Conversa.....	55
3.4. Procedimentos.....	55
3.5. Análise de dados.....	57
4-RESULTADOS	60
5-DISCUSSÃO	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE A-FICHA DE INSCRIÇÃO	94

APÊNDICE B-ESCALA DE PERCEPÇÃO DE COMPORTAMENTO ECOLÓGICO.....	99
APÊNDICE C-INSTRUMENTO PERCEPÇÃO.....	102
APÊNDICE D-INSTRUMENTO QUE VIDA É ESSA?.....	103
APÊNDICE E-QUESTIONÁRIO USO DA ÁGUA?.....	104
MEMORIAL DO FIM DESTA JORNADA.....	107

LISTA DE SIGLAS

ALCESTE	<i>AnalyseLexicale par Contextd'unEnsemble de Segmentes de Text</i>
ANCOVA	Análise de Covariância
ANOVA	Análise de Variância
CMEL	Conselho Municipal de Educação de Luziânia
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
COOPLEM	Cooperativa de Ensino de Língua Estrangeira Moderna
ECE	Escala de Comportamento Ecológico
EPCE	Escala de Percepção de Comportamento Ecológico
MAB	<i>Man and Biosphere</i>
PVQ-R	Questionário de Valores Refinado (<i>PortraitValuesQuestionnaire –Refined</i>)
SciELO	<i>Scientific Electronic online</i>
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciencies</i>
UNESCO	<i>Union Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
VAPERCOM	Variável Ambiental; Percepção e Comportamento do Consumidor

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação individual do crachá

Figura 2: Exame minucioso dos cenários urbanos pelos participantes

Figura 3: Esquerda: participante identificando sua Caixa Preta; Direita: Caixa Preta e Bonequinho de Plástico

Figura 4: Atividade Homem na Gaiola

Figura 5: Preenchimento de cada prato com água individualmente

Figura 6: Esquerda e Direita: participantes em plena atividade na Sala da Construção

Figura 7: Atividade Círculo do Consumo

Figura 8: Esquerda: Participantes em plena produção de alimento; Direita: Alimentos produzidos

Figura 9: Esquerda: Participantes consumindo água; Direita: Participante e sua Sacola de Água

Figura 10: Atividade Roda de Conversa

Figura 11: *Motivational Continuum* dos dezenove valores da Teoria de Valores Refinada

Figura 12: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Ativismo

Figura 13: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Reciclagem

Figura 14: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Ativismo separado por grupos abaixo e acima da média de Poder Domínio

Figura 15: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ do fator Limpeza Urbana separado por grupos abaixo e acima da média no valor de Poder Domínio

Figura 16: Diferenças positivas e negativas entre os escores dos testes ❶ e ❷ do fator Reciclagem

Figura 17: Medianas e intervalo de confiança de 95% do pré e pós-teste de Ativismo

Figura 18: Aspectos positivos do ambiente urbano do passado

Figura 19: Aspectos negativos do ambiente urbano do passado

Figura 20: Aspectos positivos do ambiente urbano do presente

Figura 21: Aspectos negativos do ambiente urbano do presente

Figura 22: Instrumento Percepção ❶(acima) e ❷(abaixo) da participante C.7

Figura 23: Instrumento Percepção ❶(acima) e ❷(abaixo) da participante D.11

Figura 24: Instrumento Percepção ❶(acima) e ❷(abaixo) da participante B.2

Figura 25: Cenário com o a ambiente urbano do passado

Figura 26: Cenário com o ambiente urbano do presente

Figura 27: Comparativo entre as nuvens de palavras

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Dezenove valores e seus respectivos conteúdos, propostos na Teoria de Valores Refinada, relacionando-os com exemplos, nível de interesse e valores de ordem superiores

Quadro 2: Contextualização do ambiente de pesquisa

Quadro 3: Afirmativas e correspondentes resultados esperados do Questionário Uso da Água

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Intercorrelações dos fatores dos dezoito valores individuais

Tabela 2: Demonstrativo das afirmativas e correspondentes resultados esperados e coletados

MEMORIAL

Acho que nasci educadora...

“Mas isto é um exagero!” ...pensei.

Pude constatar que isto poderia ser verdade ao abrir as gavetas das jornadas de minha vida. Na maioria delas encontra-se uma inquietude que me direciona ao sempre querer-conhecer-transmitir.

E é com este querer-conhecer-transmitir que construo minhas jornadas, constituindo-me como curiosa, sonhadora, fazedora, professora, bióloga, militante, ativista, cidadã e permanentemente uma educadora.

Percorro as jornadas com o desejo de transformar positivamente minha vida, que eu acredito que façam parte de Gaia, onde todos e tudo devem ser felizes.

Nesta minha vida utópica, respeito, amor, equilíbrio, compreensão, transformação, empatia, responsabilidade, reflexão crítica, ação proativa são alguns dos elementos essenciais.

Portanto, nas jornadas de minha vida, utopia possui um significado diferente de sua etimologia. Utopia é um lugar que existe na realidade e, é preciso que eu contribua concretamente para o seu fortalecimento!

A contribuição para esta utopia-concreta acontece em dois espaços distintos.

Em ambos, desenvolvo atividades permeadas de criatividade, interação, abrangência e amorosidade. Os temas são sempre vinculados ao entendimento do indivíduo, enquanto sujeito crítico, do indivíduo enquanto comunidade, e daqueles vinculados à sustentabilidade nas suas várias dimensões, bem como do respeito à natureza, à vida.

Como curiosa, sonhadora, fazedora, há duas décadas e meia tornei-me professora da rede pública de ensino do Distrito Federal no componente curricular Biologia. Desde do início da carreira, procurei realizar atividades que buscam articular saberes e sentimentos. Articulação na qual pode possibilitar ao aluno um melhor entendimento deste mundo complexo, de maneira que ele possa escolher, utopicamente, formas de agir colaborativamente e com responsabilidade.

Como militante, ativista, cidadã atuo como voluntária de uma instituição de terceiro setor, na qual fiz parte de sua criação. Uma das justificativas para a escolha deste tipo de espaço é a característica inerente ao setor. A não formalidade do processo educativo permite que minha ação aconteça de forma independente, somente guiada pelo desejo de colaborar para um mundo melhor.

Outro fator que colaborou profundamente foi a localização da sede desta instituição de terceiro setor. Embora tenha sido formalmente instituído no ano de 2010, sua sede localiza-se em uma propriedade que data da década de 1980. Em outubro de 1982 a Chácara Nonna Marina “nasceu”. Desde então, este espaço rural adquiriu um status de “refúgio ecológico”, tornando-se premente sua conservação. Este status é fruto de sua localização em área de importância ecológica, e da presença de um conjunto de elementos educativos fundamentais à formação de uma consciência ecológica. Esses elementos decorrem de intensos investimentos. Os investimentos financeiros provêm do custo oriundo da construção, manutenção e manejo da propriedade. Os emocionais provêm da dedicação, tempo, sonhos, realizações e criatividade empreendidos por todos os integrantes que nela vivem. E, por último, e tão importante quanto os demais, encontra-se o investimento ecológico. A propriedade rural situa-se na Área de Preservação do Descoberto, responsável por cerca de 60% do abastecimento de água para o Distrito Federal.

Mas como estas jornadas, estes espaços, se cruzaram com a Academia?

Em todas as atividades concebidas e realizadas...

Em todos os espaços...

Com todas as pessoas, as quais me envolvi e me envolvo...

...há um profundo envolvimento emocional!

Ciente de que este envolvimento emocional tão profundo não permitiria uma avaliação isenta de subjetividade, busquei instâncias que me orientassem quanto aos instrumentos os quais permitissem avaliar reflexiva e criticamente minhas jornadas.

A escolha do espaço mais apropriado, para esta instrumentalização, foi a pós-graduação oferecida pela Universidade de Brasília, na Faculdade de Educação, na linha de Pesquisa Educação Ambiental e Educação do Campo.

E é por isto que, hoje, me encontro neste espaço.

Tenho certeza que esta nova jornada vai contribuir muito para o meu sempre querer-conhecer-transmitir.

Tenho certeza de que a cada dia que passa estou mais curiosa, sonhadora, fazedora, professora, bióloga, militante, ativista, cidadã e permanentemente educadora.

Não...estou fundamentalmente mais GENTE. GENTE FELIZ.

INTRODUÇÃO

Os cenários originados das relações existentes entre cada indivíduo e o planeta Terra ocorrem desde quando esse passa a existir na natureza, seu local de evolução, sobrevivência e perpetuação.

“A humanidade é parte de um vasto universo em evolução.”

(BRASIL, 2000, p. 1)

Segundo o *Institute of Human Origins* que realiza, interpreta e divulga pesquisas científicas sobre a evolução humana no planeta Terra, este processo de evoluir, sobreviver e perpetuar é resultado da seleção natural que acontece ao longo de 7 milhões de anos. Nesta linha do tempo, as espécies do gênero *Homo* surgiram há três milhões de anos, sendo responsáveis por inúmeros processos migratórios e complexas adaptações a novos ambientes. A espécie *Homo sapiens* encontra-se entre as pertencentes deste gênero. Sua denominação é condizente com sua disseminação, dominação e apropriação do planeta Terra. Parece, conforme essa, que eles já sabiam da conquista do planeta Terra há apenas trezentos mil anos, caracterizando de maneira singular o curso natural da história (BECOMINGHUMAN, 2017).

Cada indivíduo é um “nó de relações orientadas para todas as direções”, não vivendo “fora da rede de relações que sustenta o universo no qual cada um está imerso”, apresentando uma “singularidade irreduzível”, que o faz “único e irrepetível no universo e na história, no passado e no presente” (BOFF, 2012, p. 157).

É esta singularidade que o possibilita de estar presente em todas as altitudes e latitudes do planeta Terra, através da sua capacidade eficaz de comunicação e mobilidade; de modificar o ambiente natural; de criar ambientes complexos e diversificados; e integrar múltiplos e diferentes elementos. Apesar de, em relação a outras espécies, ser biologicamente pouco dotado, rigorosamente heterotrófico e vulnerável a doenças (NAZARETH, 1993; CARVALHO, 2007). Além de apresentar uma necessidade de acumular bens, para acumular poder e controlar (GOMEZ, NUNES; MOURA, 2016).

[...] entre todas as espécies, o ser humano é a única que voluntariamente causa distúrbios no sistema meio ambiente, ou seja, tenta violar as suas leis [...]. (BOMFIM, 2015, p.110).

Em função das características humanas peculiares, o Antropoceno, a nova era geológica, apresentou uma mudança no curso natural do planeta Terra. Até então, “se conduzia instintivamente pelas forças diretivas do universo e dela mesma”, mas assumiu um “risco, o de confiar o seu destino a um dos seus rebentos, à comunidade humana, e o de decidir sobre o futuro de seus sistemas vitais básicos” (BOFF, 2012, p. 26).

O zoólogo e ecólogo Eugene Pleasants Odum também expõe, de forma concisa, esta mudança no curso natural do planeta Terra:

Até a data, e no geral, o homem atuou no seu ambiente como um parasita, tomando o que dele deseja com pouca atenção pela saúde de seu hospedeiro, isto é, do sistema de sustentação da sua vida. (ODUM, 1997, p. 811).

Mediante este panorama, refletido nas chamadas crises ambiental e civilizatória é urgente ratificar a responsabilidade da humanidade pelos sistemas vitais conquistados e apropriados. É urgente que cada indivíduo reflita e melhore a maneira de se relacionar e de agir consigo, com o outro e com a natureza, a fim de garantir a sustentabilidade da vida planetária.

Isto se coaduna com uma formação ecológica que incentive e enfatize valores de autotranscendência (Schwartz, 2012), percepção ambiental compatível com uma visão ecocêntrica, onde os sujeitos se percebem em uma relação de interdependência com a natureza (PATO; HIGUCHI, 2018), e manifestação de comportamentos ecológicos de cuidado e proteção ambiental (PATO; CAMPOS, 2011).

Dentre as várias formas de atender as demandas desta urgência, encontram-se propostas educativas vivenciais que podem possibilitar

“[...]formar um pensamento crítico, criativo e sintonizado com a necessidade de propor respostas para o futuro, capaz de analisar as complexas relações entre os processos naturais e sociais e de atuar no ambiente em uma perspectiva global, respeitando as diversidades [...] de propiciar novas atitudes e comportamentos face ao consumo na nossa sociedade e de estimular a mudança de valores individuais e coletivos” (JACOBI, 2005, p.244).

Alinhada com essa perspectiva, a proposta educativa vivencial denominada Oficina Refazer, concebida em 2008, vem sendo desenvolvida continuamente. Entretanto, várias indagações formuladas por sua equipe idealizadora sempre estiveram presentes. São elas:

É possível mensurar o comportamento do participante desta oficina em que esteja implícita a promoção do equilíbrio integral da vida planetária?

Considerando que os valores são como critérios para comportamento de cada indivíduo, a compreensão do fenômeno comportamental, de acordo com seus valores pode ser ampliada? E ao considerarmos a percepção do seu comportamento, essas correlações se mantêm ou se modificam?

No decorrer das atividades que fazem parte desta proposta educativa vivencial, o conteúdo das mensagens produzidas pelos participantes, pode contribuir para o entendimento da percepção ambiental dos mesmos? E por fim, seria possível identificar, ou até mesmo mensurar a ampliação desta após a sua participação na Oficina Refazer?

Permeada pelo desejo de encontrar respostas a estas indagações, esta pesquisa acadêmica teve como objetivo avaliar se esta proposta educativa vivencial, originalmente concebida, proporciona aos seus participantes a ampliação da percepção acerca dos problemas socioambientais e suas inter-relações, tornando-os mais sensíveis às questões ambientais, e com possibilidades de se perceberem e de agirem mais sintonizados com as aspirações de um mundo mais sustentável e expressando comportamentos mais compatíveis com os desejados comportamentos ecológicos (PATO; CAMPOS, 2011), neste trabalho denominado como um agir em favor do meio ambiente, podendo ser consciente e intencional ou não, aprendida e internalizada, fazendo parte do cotidiano das pessoas (PATO, 2004).

Os capítulos que se seguem refletem os caminhos percorridos para responder a estas indagações. No **capítulo 1** apresenta a proposta educativa vivencial, a Oficina Refazer. O **capítulo 2** aborda as referências teóricas utilizadas. O comportamento ecológico, apresentando as medidas para a sua investigação, destacando-se a que foi utilizada nesta pesquisa trabalho. Em seguida os valores pessoais, tendo como referência a Teoria de Valores Humanos de Schwartz. E o conceito de percepção ambiental com suas definições. Segue o método utilizado a ser descrito no **capítulo 3**, os objetivos desta pesquisa, seus Resultados, a Discussão dos mesmos e as Considerações Finais onde são apontadas as limitações e sugestões para estudos futuros.

1.PROPOSTA EDUCATIVA VIVENCIAL OFICINA REFAZER

Quando se aborda o campo da educação ambiental, podemos nos dar conta de que apesar de sua preocupação comum com o meio ambiente e do reconhecimento do papel central da educação para a melhoria da relação com este último, os diferentes autores [...] adotam diferentes discursos sobre a EA e propõem diversas maneiras de conceber e de praticar a ação educativa neste campo. (SATO; CARVALHO, 2008, p. 17).

A Oficina Refazer configurada como “um espaço de construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de um confronto e intercâmbio de experiências e de um exercício concreto” (CANDAUI et al., 2006, p. 17) sobre a temática ambiental e sobre si mesmo, pertence ao campo da Educação Ambiental.

Esta proposta educativa vivencial pretende ser uma atividade como parte de um “motor da mudança do ser”, cujas engrenagens possibilitam “criar as novas mentes e novos corações [...], capazes de fazer revolução paradigmática exigida pelo mundo de risco sob o qual vivemos” (SATO; CARVALHO, 2008, p. 148-149).

Engrenagens não estereotipadas e meramente reprodutivistas, pois a,

[...] sustentabilidade não acontece mecanicamente. Ela é fruto de um processo de educação pela qual o ser humano redefine o feixe de relações que entretém com o universo, com a Terra, com a natureza, com a sociedade e consigo mesmo dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico, de respeito e amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia socioecológica. (BOFF, 2012, p. 149).

Está baseada em uma Educação Ambiental em que o aprendizado dialógico, interativo, reflexivo, no qual a recriação, a reinterpretação de informações, conceitos e significados estão presentes constantemente (JACOBI, 2003). Busca fomentar no participante suas responsabilidades individuais e ações, visando o equilíbrio planetário através do exercício do seu pensamento reflexivo, da ampliação da sua percepção, considerando a urgente necessidade de garantir a sustentabilidade da vida planetária.

É importante ressaltar que nunca foi objeto a qualificação, ou inclusão, da Oficina Refazer em algum tipo de discurso, ou vertente específica; embora os mesmos tenham sido considerados desde de sua concepção.

As diferentes “correntes” da Educação Ambiental, compostas por concepções e práticas específicas são apenas uma ferramenta de análise “a serviço da exploração da

diversidade de proposições pedagógicas e não um grilhão que obriga a classificar tudo em categorias rígidas, com o risco de deformar a realidade” (SATO; CARVALHO, 2008, p. 17-18).

A opção por esta não qualificação, ou inclusão, decorre de pactuar com as ideias propostas por Layrargues:

[...] ao contrário do que diz o senso comum no campo da educação ambiental, que informa a existência de uma educação ambiental conjugada no singular, pois ela aparece como a antítese da Educação, que não é “ambiental”, atualmente torna-se cada vez mais evidente que só é possível conjugar a educação ambiental no plural. [...] porque ela, enquanto Educação, necessariamente está circunscrita às variadas concepções pedagógicas. (LAYRARGUES, 2006, p. 8).

Considerando as proposições acima, a Oficina Refazer foi concebida, e é desenvolvida continuamente desde 2008, por esta pesquisadora (bióloga) e por uma psicóloga, nominadas quando da realização das atividades de mediadoras. Desde então, esta oficina vem passando por ajustes decorrentes de atualizações das informações utilizadas para seu desenvolvimento, contudo sua estrutura básica se mantém ao longo dos anos.

Três fios condutores estão presentes na sua concepção, organização e desenvolvimento: Ecosofia, de Félix Guattari (2008); Normose (WEIL et al., 2003); e as temáticas sobre a sustentabilidade e os “pontos nevrálgicos da insustentabilidade generalizada”(BOFF, 2012, p. 17), ou seja, as crises.

A Ecosofia de Félix Guattari é composta pela coexistência íntima dos “três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (GUATTARI, 2008, p. 8), e “pela necessidade urgente de uma rearticulação entre estes” (p. 16).

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existências com os quais nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiteraões estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo “habitável” por um projeto humano. (GUATTARI, 2008, p. 37).

O conceito da Normose foi gerado pelo movimento holístico, cujo paradigma é o de renovação da visão da realidade e da vida. Forjado e investigado por três pensadores

“mais ou menos na mesma época, ou pelo menos, no mesmo século: Jean-Yves Leloup, Roberto Crema e Pierre Weill”(WEILL et al., 2003, p. 17-18).

Eles entenderam que é preciso mudar a nossa maneira de ver as coisas.

Normose pode ser definida como o conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado se que seus autores e atores tenham consciência de sua natureza patológica. (WEILL et al., 2003, p. 22).

Normose é “uma normalidade doentia” (WEILL et al., 2003, p. 23) com “caráter automático e inconsciente” (p. 24), “que nos impede de sermos realmente nós mesmos. O consenso e a conformidade impedem o encaminhamento do desejo no nosso interior” (p. 25).

As características de um comportamento normótico são:

- a) é um hábito de pensar, sentir e agir;
- b) aceito como normal ou por consenso social;
- c) tem natureza patogênica ou letal;
- d) gênese pessoal ou coletiva, mediante um processo introjetivo (WEILL et al., 2003).

Os autores consideraram três fundamentos da Normose:

1. Fundamento sistêmico: A Normose surge quando o sistema se encontra predominantemente desequilibrado e mórbido. Um indivíduo é considerado normal quando passa a se ajustar à patologia reinante a fim de manter o *status quo*. Em um contexto normótico, um indivíduo realmente saudável é aquele dotado “da capacidade de um desajustamento justo, de uma indignação lúcida, de um desespero sóbrio” (WEILL et al., 2003, p. 36).
2. Fundamento evolutivo: Cada indivíduo no planeta Terra introduziu “a uma nova qualidade evolutiva, que é a evolução intencional, consciente, voluntária. A pessoa evolui se quiser, se desejar, à medida que enveredar no caminho da individuação” (WEILL et al., 2003, p. 41).

É uma grande aventura tornar-se humano, sujeito da própria existência, ser dotado de um semblante único e assumir a direção dos

próprios passos, realizando, assim, a promessa inerente ao seu mistério (WEILL et al., 2003, p. 42).

3. Fundamento paradigmático: “[...] momento em que estamos transitando para outra idade da consciência. [...] É por isso que nos períodos de transição paradigmática, a Normose ganha uma intensidade espantosa no apego ao velho mito, no fechamento e na resistência aos novos horizontes que despontam (WEILL et al., 2003, p. 47)”.

Diante da cegueira ética e consciencial do abismo em que nos encontramos, temos de arriscar um salto qualitativo, criar uma massa crítica para que, de fato, o novo paradigma passe a ser dominante. (WEILL et al., 2003, p. 48).

O desenvolvimento desta proposta educativa vivencial considera que é urgente a existência de práticas educativas que possibilitem subsumir

[...] todas as maneiras de domesticar os Territórios existenciais, sejam eles concernentes às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente ou aos grandes conjuntos contextuais [...] os três níveis ecosófico ou, se preferirmos, entre as três visões ecológicas, as três lentes discriminantes [...]. (GUATTARI, 2008, p. 37).

Pois é preciso:

Tomar consciência da normose e de suas causas constitui a verdadeira terapia para a crise contemporânea. Trata-se, também de encontrar a liberdade. Seguir as normas cegamente é torna-se escravo. Quando aprendemos a escutar a voz interior, a voz da verdadeira sabedoria, tornamo-nos livres (WEILL et al., 2003, p. 25).

A manutenção da sustentabilidade e o enfrentamento da insustentabilidade generalizada podem ocorrer por meio da educação, pois educar é:

*[...]to make people wiser, more knowledgeable, better informed, ethical, responsible, critical and capable of continuing to learn.
[...]Education also serves society by providing a critical reflection on the world, especially its failings and injustices, and by promoting greater consciousness and awareness, exploring new visions and concepts, and inventing new techniques and tools. Education is also the means for disseminating knowledge and developing skills, for bringing about desired changes in behaviours, values and lifestyles, and for promoting public support for the continuing and fundamental changes that will be required if humanity is to alter its course, leaving*

the familiar path that is leading towards growing difficulties and possible catastrophe, and starting the uphill climb towards sustainability. Education, in short, is humanity's best hope and most effective means in the quest to achieve sustainable development.(UNESCO, 1997, p. 16).¹

Com relação a sua organização e desenvolvimento, a proposta educativa vivencial Oficina Refazer é composta por seis etapas consecutivas, com duração média de 2,5 horas cada, perfazendo um total de 15 horas. São compostas por atividades que perpassam por estes três fios condutores, a Ecosofia, a Normose e as temáticas sobre a sustentabilidade e seus pontos nevrálgicos.

As etapas são:

Etapas 1- Que vida é essa?

Etapas 2 e 3 - Relações Interpessoais

Etapas 4 e 5 -Relações Naturais

Etapas 6- É essa vida que eu quero!

Todas as atividades são feitas sob a forma de um convite, feito imediatamente no início de cada uma, onde a participação (ou não) fica a critério do participante. A cada etapa finalizada, há uma ratificação oral da sua continuidade na oficina pelo mesmo.

Uma Ficha de Inscrição (Apêndice A) é preenchida no mínimo uma semana antes da data prevista para Etapa 1, sendo entregue ao coordenador de cada grupo formado, e repassado às mediadoras, até um dia antes da data prevista desta. As mediadoras são duas profissionais, sendo uma da área da Psicologia e outra de Biologia. Os profissionais destas áreas se relacionam diretamente com as temáticas abordadas e as atividades desenvolvidas durante esta proposta educativa vivencial.

¹ Fazer as pessoas mais sábias, mais eruditas, bem informadas, éticas, responsáveis, críticas e capazes de continuar o processo de aprendizagem. Educação serve também a sociedade ao dar uma reflexão crítica sobre o mundo, especialmente no que diz respeito as suas falhas e injustiças, ao promover uma consciência e um discernimento maior, explorando novas perspectivas e conceitos, e inventando novas técnicas e ferramentas. Educação é também o meio para disseminar conhecimento e desenvolver habilidades ao trazer o desejo por mudanças no comportamento, nos valores e estilo de vida, ao promover suporte público para a continuação de mudanças fundamentais que serão adquiridas se a humanidade alterar seu curso, deixando o caminho já conhecido de lado que lidera as crescentes dificuldades e possíveis catástrofes, para começar a árdua subida em direção a sustentabilidade. Educação, em resumo, é a melhor esperança e a maneira mais efetiva que a humanidade tem para alcançar o desenvolvimento sustentável. (Tradução nossa)

Etapa 1- Que vida é essa?

Mediada por uma bióloga (esta pesquisadora), objetiva possibilitar ao participante, o exercício da sua percepção e da importância de suas ações e respectivas consequências. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência, são:

⇒ Como você percebe o mundo?

Para cada participante é solicitado o preenchimento da Escala de Percepção de Comportamento Ecológico-EPCE❶ (Apêndice B) e do instrumento Percepção❶ (Apêndice C).

⇒ Vamos nos conhecer?

Cada participante é convidado a preencher um crachá. Para seu preenchimento são disponibilizados, em quantidades, canetas coloridas e adesivos variados. Apresentações individuais deste são feitas através de dinâmica lúdica, onde cada participante descreve quais foram as motivações que o levaram a preenchê-lo (Figura 1).

Figura 1: Apresentação individual do crachá



Fonte: Presente pesquisa, 2017

⇒ Normose

Explicação interativa sobre a temática normose.

⇒ Que vida é essa?

Explicação interativa sobre ambientes urbanos. Após esta, o participante é convidado a examinar minuciosamente, através do sentido da visão (Figura 2), dois

cenários compostos de elementos concretos característicos de um ambiente urbano do passado e um do presente, e citar os aspectos positivos e negativos destes no instrumento Que vida é essa?. (Apêndice D). Não há determinação histórica ou espacial destes cenários.

Figura 2: Exame minucioso dos cenários urbanos pelos participantes



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

Etapa 2-Relações Interpessoais

Mediada por uma psicóloga, objetiva possibilitar ao participante ampliar a compreensão de si mesmo, para também melhor compreender o outro, a partir da identificação de diversos aspectos nas relações interpessoais. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência, são:

⇒ Refazer

Explicação interativa sobre a temática refazimento.

⇒ Relações Interpessoais Adequadas e Inadequadas

Explicação interativa sobre a temática relações interpessoais adequadas e inadequadas. Nesta etapa, cada participante recebe uma Caixa Preta (Figura 3, Direita), que acompanhará até o final da oficina, com a orientação: *Esta é a sua Caixa Preta, onde você vai dialogar com o quê você tem de mais profundo*. Este diálogo interno é concretizado através de bonequinhos de plástico, os quais são depositados (ou não) dentro destas, de acordo com as respostas aos questionamentos/reflexões feitos ao longo

das atividades. De uma maneira geral, estes começam com a frase: *Você, alguma vez, já refletiu sobre isto?*

Figura 3: Esquerda: participante identificando sua Caixa Preta; Direita: Caixa Preta e Bonequinho de Plástico



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

⇒ Homem na gaiola

Após observação minuciosa de instalação (Figura 4), cada participante recebe um quadrado de papel, denominado Quadrado Mágico, no qual responde a pergunta: *O que te aprisiona?*

Figura 4: Atividade Homem na gaiola



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

⇒ Quadrado Mágico

Cada participante recebe um prato azul, representando a nossa casa comum, Gaia. Em círculo, cada prato azul é preenchido, individualmente, com água. O uso e a quantidade do líquido objetivam realizar uma reflexão sobre a importância da característica fluida e coletiva da água. Todos, ao mesmo tempo, depositam cada quadrado de papel (Quadrado Mágico) no prato azul que, em contato com a água, será imediatamente aberto, revelando assim as respostas. Após a abertura dos mesmos, é dada a oportunidade aos participantes de visualizar todas as respostas (Figura 5).

Figura 5: Preenchimento de cada prato com água individualmente



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

Coletivamente há a possibilidade de se observar quanto os indivíduos, de um mesmo grupo, de uma mesma sociedade, podem compartilhar sentimentos, emoções...(ou não). Este instrumento é essencial para a atividade Sala da Construção, na Etapa 3.

Etapa 3- Relações Interpessoais

Também mediada por uma psicóloga, objetiva valorizar o potencial expressivo do participante para fortalecer sua autoestima e autoconfiança. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência, são:

⇒ Sala da Construção (Figura 6)

Disponibilizando vários e diversificados elementos em quantidade, a mediadora psicóloga faz a solicitação: *Tendo como referência seu Quadrado Mágico, como você*

responde, de forma concreta, a pergunta: quantos e quais caminhos são percorridos para trabalhar as dificuldades presentes nas relações interpessoais? Utilize estes elementos para se expressar, da maneira que quiser.

Figura 6: Esquerda e Direita: participantes em plena atividade na Sala da Construção



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

⇒ Delícias do Amor

Mediada por uma bióloga (esta pesquisadora), objetiva possibilitar ao participante identificar os pontos de intersecção entre o mundo do conhecimento individual e o mundo externo, através das temáticas sexualidade e crescimento populacional. A mediadora psicóloga continua a integrar o grupo, intervindo quando necessário.

Etapa 4- Relações Naturais/Consumismo

Mediada por uma bióloga (esta pesquisadora), objetiva possibilitar ao participante identificar pontos de intersecção entre seu mundo individual com o ato de consumir, suas consequências para si e para o ambiente. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência são:

⇒ Círculo do Consumo/Consumismo

A atividade se inicia com uma dinâmica lúdica. O participante ao receber a Sacola do Consumo é convidado a observar, minuciosamente, uma instalação denominada Círculo do Consumo. Esta é composta por três tipos de elementos comuns do cotidiano: sacolas plásticas, latas de alumínio, celulares e aparelhos eletrônicos ultrapassados (Figura 7).

Figura 7: Atividade Círculo do Consumo



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

Após a observação minuciosa, cada participante é convidado a escolher um elemento de cada tipo, a ser depositado na sua Sacola do Consumo. No desenrolar da explanação interativa, ocorrida em seguida, o participante faz correlações das suas escolhas, com informações atuais e relevantes sobre as temáticas Mídia/TV, Moda e Conforto/Delícias da Vida.

Etapa 5- Relações Naturais/Consumo essencial à vida

Mediadora e objetivo idênticos à Etapa 4. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência são:

⇒ Círculo do Consumo dos Alimentos

A atividade se inicia com uma dinâmica lúdica, onde o participante recebe uma Sacola de Produção, sendo convidado a personificar um homem do campo. Como personagem, ele produz alimentos conforme demonstrado na Figura 8.

Figura 8: Esquerda: Participantes em plena produção de alimentos; Direita: Alimentos produzidos



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

Personificado e de posse de sua produção, o participante interage com a explanação interativa, composta de partir de informações atuais e relevantes sobre as temáticas alimentos e consumo.

⇒ Círculo do Consumo da Água

A atividade se inicia com uma dinâmica lúdica, onde o participante recebe uma Sacola de Água, e é convidado a consumir água, conforme demonstrado na Figura 9.

Figura 9: Esquerda: Participantes consumindo água; Direita: Participante e sua Sacola de Água



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

Durante a explanação interativa, a partir de informações atuais e relevantes sobre a temática água e pegada hídrica, o participante responde ao questionário Uso da Água (Apêndice E).

Etapa 6- É essa a vida que eu quero!

Mediada por uma bióloga (esta pesquisadora), e pela moderadora da Roda de Conversa (convidado), objetiva avaliar após 30 dias (intervalo médio de tempo) se as etapas anteriores suscitaram no participante o fortalecimento de relações interpessoais positivas e de ações proativas e mais conscientes. As atividades desta etapa, desenvolvidas em sequência são:

⇒ Roda de Conversa (Figura 10)

Para conduzir esta atividade é convidado um moderador que nunca participou da Oficina Refazer. Para personificar esta figura, uma mestranda da Universidade de Brasília, da Faculdade de Educação, de outra linha de pesquisa. Sua presença ocorre exclusivamente em função desta pesquisa. Anteriormente, esta atividade não era intitulada desta maneira, sendo conduzida pela mediadora psicóloga.

Figura 10: Atividade Roda de Conserva



Fonte: Presente pesquisa, 2017.

⇒ Como você está percebendo o mundo?

Última atividade da proposta educativa vivencial Oficina Refazer. Ao participante é solicitado a preencher a Escala de Percepção de Comportamento Ecológico❷ (Apêndice B) e do Instrumento Percepção❷ (Apêndice C). Estes são idênticos aos que foram preenchidos na Etapa 1, porém identificados com o número ❷.

⇒ Entrega de diplomas

Em comemoração ao encerramento da oficina, cada participante é agraciado com um diploma - a sua Caixa Preta com um bonequinho de plástico - representando todo o processo vivenciado nessas seis etapas.

Todo o material produzido é devolvido ao participante, através dos coordenadores de grupo.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1. Comportamento Ecológico: definições e medidas

Considerando-se que são as ações humanas que evidenciam a degradação ambiental (PATO; CAMPOS, 2011), entender o comportamento individual é fundamental. Assim, por meio da ação é possível modificar relações de desequilíbrio entre a humanidade e o planeta Terra, e assim alcançar a sustentabilidade.

Mas que tipo de comportamento é capaz de resultar em relações de equilíbrio para a vida planetária? Se considerarmos somente o contexto social, o comportamento pró-social, aquele socialmente positivo, construtivo e útil é relevante para que isto aconteça. Dentre os tipos de comportamentos pró-sociais destacam-se o altruísmo, o de trocas sociais e a empatia. O altruísmo refere-se à busca do bem-estar do outro sem considerar conscientemente o interesse próprio. Os comportamentos estabelecidos mediante as trocas sociais referem-se às interações humanas como transações que visam maximizar as recompensas e minimizar os custos que incidem sobre o próprio indivíduo (MEYERS, 2014). Por fim, a empatia reflete a capacidade de se colocar no lugar do outro, experimentando eventos e emoções da mesma forma como o outro os experimentaria (ARONSON et al., 2015).

Alguns fatores concorrem para a realização de um comportamento pró-social. Dentre eles, a seleção de parentela, normas de reciprocidade, seleção de grupo, tipos de personalidades, diferenças individuais, culturais e de gênero, envolvimento religioso e estados de humor (ARONSON et al., 2015). Desta maneira, assume muitas variantes, perpassando da materialidade à espiritualidade, e tendo como referências os fatores individuais (gênero, idade, escolaridade), os circunstanciais (hora e local, tempo disponível de quem o pratica) e o contexto social (onde o indivíduo se encontra e se relaciona) (TORRES; NEIVA, 2011).

Ao considerarmos o comportamento individual, e suas múltiplas relações com os diversos problemas e eventos ambientais, faz-se necessário ampliar o conhecimento para outros campos de pesquisas. Um desses campos é a Psicologia Ambiental que estuda os fatores psicológicos que afetam e que são afetados pela interação indivíduo-ambiente (CORRAL-VERDUGO, 2001). Sua importância se deve principalmente à atual crise de “inegável amplitude”, e do enfrentamento ainda tímido, que permanece “no nível do desejo ou da atitude” (CAVALCANTI; ELALI, 2011, p.12).

Para o enfrentamento deste panorama, é preciso ir além dos comportamentos pró-sociais. É preciso, implementar, propagar e manter comportamentos que resultem em consequências ambientalmente positivas, construtivas, efetivas e úteis para o restauro e a manutenção das relações de equilíbrio da vida planetária como um todo.

Para este tipo de comportamento, que se relaciona especificamente com a temática ambiental, há uma variedade de nomenclaturas: comportamento pró-ambiental, comportamento ambiental, comportamento ambientalmente responsável, conduta pró-ambiental, comportamento ecológico e altruísmo ambiental. Pato (2004) faz uma análise destas denominações e de seus respectivos autores (PATO,2004).

Além destas, também há a referência de Grob (1990). O autor afirma que o comportamento ecológico responsável é aquele que inclui todas as atividades dos seres humanos, cuja intencionalidade é a proteção de recursos naturais ou, pelo menos, a redução de deterioração ambiental (GROB, 1990 apud CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 2004).

Outra referência é de Hess, Suárez e Martínez-Torvico (1997). Toda atividade humana em que exista a intencionalidade da proteção dos recursos naturais ou, pelo menos, a redução da degradação ambiental, efetividade, decisão responsável e não causalidade, e que exige habilidades concretas do indivíduo para sua realização, é denominada de comportamento pró-ambiental (HESS, SUÁREZ E MARTÍNEZ-TORVICO apud CORRAL-VERDUGO, 2001).

Corral-Verdugo (2001) descreve uma lista de comportamentos pró-ambientais importantes para a propositura de estratégias de solução (ou minimização) dos problemas ambientais. Esta lista inclui diminuição do consumo dos recursos naturais, reutilização, reciclagem, lixo, energia, transporte, água e ativismo (CORRAL-VERDUGO, 2001).

Emmons (1997) também entende que este tipo de comportamento pode ser realizado a partir da coerção. Ou pode advir de um hábito, caracterizando-se como automático, autodeterminado e intencional. A autora considera a intencionalidade um fator de interesse para a Educação Ambiental (EMMONS, 1997 apud CORRAL-VERDUGO, 2001).

A ampliação e a gravidade dos desequilíbrios entre a humanidade e o planeta Terra ocasionam a urgente necessidade de se considerar, ao mesmo tempo, o meio social e o ambiental. Para que isto aconteça é preciso considerar os diferentes tipos de comportamentos. É preciso que a humanidade atue tanto de maneira pró-social como de

maneira pró-ambiental, realizando ações que contribuam para um estilo de vida sustentável (CORRAL-VERDUGO, 2001).

Corral-Verdugo e Pinheiro (2004) declaram que não havia, até então, uma definição exata para o termo comportamento sustentável, pois não havia uma especificação clara de seus elementos e dimensões essenciais, nem modelos que correlacionassem este com a definição de sustentabilidade. Mediante o exposto, o conceito de comportamento sustentável foi proposto como sendo o conjunto de ações efetivas, deliberadas e antecipadas que resultam na preservação dos recursos naturais e socioculturais necessários para garantir o bem-estar individual e das gerações humanas atuais e futuras (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 2004 apud CORRAL-VERDUGO, 2010).

Duas preocupações estão fundidas neste conceito. A preocupação com a preservação físico-ambiental e a com preservação socioambiental. Isso implica que um indivíduo com um estilo de vida sustentável se preocupa tanto com a conservação dos recursos do meio natural, como com a integridade e o bem-estar dos outros seres humanos (CORRAL-VERDUGO et al., 2011).

Os comportamentos que resultam em consequências ambientalmente positivas, construtivas, efetivas e úteis para o restauro e a manutenção do equilíbrio integral da vida planetária podem ser analisados mediante observação, ou mediante o auto relato de quem o faz. Comportamentos que resultam em consequências contrárias ao exposto podem (e devem) ser suprimidos ou substituídos.

Mas como mensurar um tipo de comportamento em que esteja implícito não só o cuidado do meio ambiente, mas também a promoção do meio social, ou seja, a promoção do equilíbrio integral da vida planetária? De que forma mensurar a complexidade de um comportamento sustentável?

Após revisão de literatura, é possível encontrar diversos instrumentos de medida, na proporção da diversidade de nomações do conceito. Para esta revisão foram utilizadas as plataformas de pesquisa acadêmica Portal de Periódicos CAPES/MEC, Google Acadêmico e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO).

Os resultados desta revisão remeteram aos termos consumo sustentável, consumo verde, consumo consciente, consciência ambiental, preocupação ambiental, consumo colaborativo, tecnologia da informação verde, entre outros. E também aos já analisados anteriormente: comportamento pró-ambiental, comportamento ambiental, comportamento ambientalmente responsável, conduta pró-ambiental, comportamento

ecológico, altruísmo ambiental, comportamento ecológico, comportamento pró-ambiental.

Ainda como resultados desta revisão, de maneira mais específica, destacam-se três artigos. Dois versam sobre comportamento sustentável e seu correspondente instrumento de mensuração, sem que os mesmos tenham consonância quanto ao modelo teórico utilizado, e ao desenvolvimento de seu instrumento de mensuração. E um artigo aborda o comportamento sustentável sob a exclusividade de uma temática. São eles:

Juárez-Nájera et al. (2010) utilizam uma amostra composta de estudantes de duas universidades (alemã e mexicana), com o objetivo de avaliar o comportamento sustentável em culturas e economias distintas. O modelo teórico adotado centrou-se em valores e normas morais individuais, e não nas escolhas racionais e interesses próprios. As variáveis comprovadamente significativas para a determinação deste tipo de comportamento foram: atribuição de responsabilidade, valores universais e inteligências pessoais. Considerou-se os principais determinantes internos para comportamentos deste tipo, nos indivíduos pesquisados, não havendo atribuição significativa para os determinantes externos, como fatores econômico, sociais e/ou culturais.

Trierweiller (2013) objetiva mensurar a predisposição do comportamento sustentável em universitários brasileiros através da aplicação de uma escala especificamente construída para este fim. As bases teóricas foram a Teoria de Resposta ao Item, do Comportamento Planejado, da Ativação da Norma e do *Triple Bottom Line*.

No terceiro artigo, Muniz e Santos (2015) abordam o comportamento sustentável sob a exclusividade da temática “*design* para o comportamento sustentável”, sem o desenvolvimento de instrumentos de mensuração. Objetiva o desenvolvimento de produtos e serviços a partir das necessidades humanas, mediante as dimensões do desenvolvimento sustentável, a inovação e o bem-estar social.

Considerado a complexidade de comportamentos que visam a sustentabilidade, o referencial teórico utilizado e os objetivos desta pesquisa foi escolhido a Escala de Percepção do Comportamento Ecológico (EPCE) (PATO, 2004) como instrumento de mensuração. Para um melhor entendimento desta escolha, é necessário primeiro abordar a Escala de Comportamento Ecológico (ECE).

A ECE é um instrumento de medida de comportamento, nos moldes de medidas utilizadas por Karp (1996) e Kaiser (1998), que procuram mensurar seus aspectos mais gerais e levantar suas características e dimensionalidades (KARP, 1996; KAISER, 1998

apud PATO, 2004). A partir de análises estatísticas foram extraídos quatro fatores: consumo verde, limpeza, economia e ativismo (PATO, 2004).

A EPCE foi elaborada e validada em amostras brasileiras, como medida indireta de comportamento, que descreve indivíduos em diferentes situações envolvendo ações ambientais, pró ou antiecológicas, a partir da percepção dos respondentes, com a mesma estrutura fatorial da ECE, respondida através de autorrelatos (PATO, 2004).

A partir de análises estatísticas foram extraídos, para esta escala, quatro fatores: *limpeza urbana*, *economia de água e de energia*, *ativismo-consumo* e *reciclagem*. O fator *economia de água e de energia* agrupou os comportamentos relacionados à economia de água e de energia, representando a racionalização dos recursos naturais. O de *limpeza urbana* se relacionou com comportamentos de manutenção dos espaços públicos limpos, associados ao tema do lixo urbano. Para o fator *ativismo-consumo*, as ações relacionadas à preservação e à conservação do meio ambiente, por meio de participação ativa. O último fator, *reciclagem*, agrupou as ações de separação de lixo doméstico (PATO, 2004). É importante esclarecer que muito embora reciclagem diga respeito a um processo mais amplo e complexo que envolve a transformação de resíduos em novos objetos, a expressão aqui se refere ao nome atribuído ao fator pela autora, se referindo especificamente aos comportamentos domésticos relativos à primeira etapa do processo de reciclagem, que se inicia com a separação de resíduos.

A escala possui 44 itens de comportamentos específicos da temática ambiental e cinco itens de desejabilidade social. Os itens são em essência os mesmos da ECE (PATO; TAMAYO, 2006), mudando-se apenas a redação para um estilo indireto, onde a pessoa deve se comparar com as que manifestam as ações descritas. Utiliza uma escala tipo Likert de 6 pontos (1 = não se parece nada comigo e 6 = é muito parecida comigo).

De acordo com Pato (2004), os resultados demonstraram que a desejabilidade social não influenciou as respostas dos participantes e a EPCE se mostrou válida e útil, assim como a ECE, para os estudos sobre os comportamentos ecológicos.

Uma linha de investigação predominante nesse campo refere-se à que estuda as relações entre os valores e os comportamentos. Resultados desses estudos apontam para a influência dos valores sobre os comportamentos e, em particular, sobre os comportamentos ecológicos. Considerando esta predominância, a seguir, apresenta-se a definição de valores a partir do modelo teórico de Schwartz.

2.2. Valores Pessoais

Segundo Tamayo (2005), o universo dos valores está presente na vida cotidiana, e é expresso pelo indivíduo que o possui de forma individual, grupal, organizacional, institucional e cultural. Esta universalidade de expressões dos valores vem sendo estudada por um número cada vez maior de pesquisadores, nas mais diversas áreas de conhecimento, sendo consenso a afirmação de que estes orientam e guiam a vida dos indivíduos. Ainda segundo o autor, os “valores são importantes para compreender o pensamento e ações humanas” (TAMAYO, 2005, p. 17).

Mas, afinal, o que é um valor?

“Definitional inconsistency has been epidemic in values theory and research?” (ROHAN, 2000, p. 255)

Em função desta constatação, cinco aspectos importantes foram levantados, a partir de uma revisão de teorias e pesquisas relacionadas com este tema. O primeiro aspecto analisou a utilização do termo valor como *nouns and verbs*. O segundo abordou o pressuposto de que todos os indivíduos têm um sistema de valores, constituído de número finito de valores universais, mas que diferem em termos de importância relativa. O terceiro analisou a relação onde as prioridades de valor de um indivíduo mudam em resposta ao contexto em que vivem, a partir do seu bem viver. O quarto, a necessidade de se discriminar valores individuais dos valores dos grupos os quais os indivíduos pertencem, dos valores culturais vigentes, entre outros. E, o último, propôs uma conceituação diferenciada para os termos sistema de valores, visão de mundo e ideologia (ROHAN, 2000).

Dentre os cinco aspectos apresentados, o segundo aspecto apresenta importantes referenciais teóricos. Entre esses, destacam-se os postulados por Rokeach, a partir de 1967 e Schwartz, a partir de 1987.

Rokeach, depois de trabalhar com a atitude, realizou um extenso estudo empírico sobre valores. O autor distinguiu atitudes de valores. A primeira como sendo algo que se relaciona a uma determinada realidade, e o segundo como algo que transcende realidades específicas.

Assim, valores não somente transcendem objetos atitudinais individuais, eles servem, sobretudo, como padrões de atitudes e comportamentos, para comparações e avaliações de outros e de si mesmo, e afinal, eles determinam a ordem de classificação dos modos

de conduta e metas de vida. Um sistema de valores assim seria nada mais do que uma disposição hierárquica de valores, uma classificação ordenada de valores ao longo de um contínuo de importância. (ROKEACH, 1968/69, p. 551 apud GÜNTHER, 1981, p. 58-59).

Resumidamente, segundo o autor, valores são definidos como crenças transituacionais, hierarquicamente organizadas, e que servem como critério para o comportamento de cada indivíduo.

Há vários aspectos implícitos nesta definição. Valores são crenças prescritivas, que dizem o que é (ou não) adequado. O sistema de valores, organizados de acordo com o critério de importância, é oriundo do fato de terem sido “interiorizados no processo de socialização pela convergência das instituições sociais, como a família, educação ou grupo de iguais”, e pelo fato de alguns serem muito importantes para o indivíduo, constituindo-se o núcleo de sua personalidade, a base de seu autoconceito (GOUVEIA; GARCIA, 2006, p. 31).

Em 2012, Schwartz e colaboradores propuseram um refinamento da Teoria de Valores Humanos Básicos, proposta, pela primeira vez em 1987, considerando que, após duas décadas, esta norteou centenas de estudos, onde foram relacionados (na sua grande maioria) valores com atitudes, opiniões, comportamentos, personalidade, entre outros. Esta teoria revisada fundamentou-se nos pressupostos apresentados em 1992. O conjunto de valores universais, representados no *Motivational Continuum*, dispostos em um arranjo estrutural de forma arbitrária, poderia ser substituído por nova uma partição (SCHWARTZ et al., 2012).

A definição de valores, desenvolvida a partir de uma análise conceitual, as análises tanto ao nível individual como coletivo, a construção dos conteúdos de valor teve como referência os três requisitos humanos universais (os pontos norteadores da pesquisa de 1992) também fizeram parte do escopo da pesquisa de 2012. Schwartz e colaboradores redefiniram os dezenove tipos motivacionais, os quais passaram a ser denominados simplesmente de valor. Os autores ressaltaram um maior número de valores mais estreitamente definidos, significaria uma maior distinção conceitual (SCHWARTZ et al., 2012), havendo análises estatísticas detalhadas, desenvolvidas de uma forma mais abrangente e específica do que na versão anterior.

O Quadro 1 indica a nomenclatura dos dezenove valores para a teoria refinada, seus conteúdos correspondentes e a indicação de exemplos.

Quadro 1: Dezenove valores e seus respectivos conteúdos, propostos na Teoria de Valores Refinada, relacionando-os com exemplos, nível de interesse e valores de ordem superiores

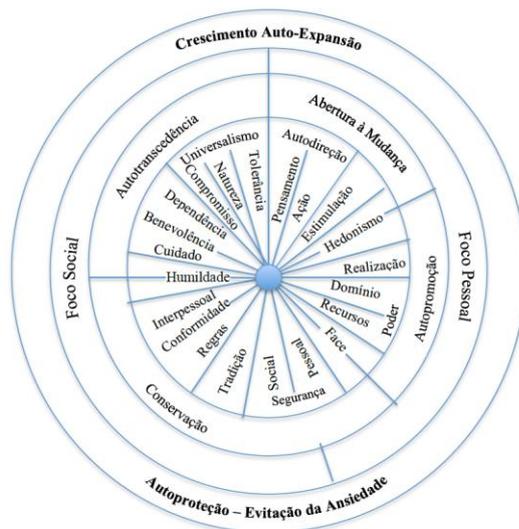
Valor de ordem superior	Valores Teoria Refinada 2012		Conteúdo do valor	Exemplo
<i>Abertura à mudança</i>	1.	<i>Autodireção Pensamento</i>	Liberdade para cultivar as próprias ideias e habilidades	Criatividade, imaginação, curioso, interessado
	2.	<i>Autodireção Ação</i>	Liberdade para determinar as próprias ações	Decisões próprias, independente, (depende de si mesmo)
	3.	<i>Estimulação</i>	Estimulação de emoção, novidade e mudança	Vida e experiências estimulantes, vida variada, novidade, mudanças, aventura, ousadia, busca
<i>Abertura à mudança</i>	4.	<i>Hedonismo</i>	Prazer e gratidão sensual	Prazer
<i>Autopromoção</i>				
<i>Autopromoção</i>	5.	<i>Realização</i>	Sucesso de acordo com os padrões sociais	Mostrar habilidades, admirar pessoas, sucesso, impressionar, ambição, avançar, esforçar-se para o melhor
	6.	<i>Poder Domínio</i>	Poder através do exercício do controle sobre as pessoas	Poder social, controle sobre os outros, autoridade, direito de comando
	7.	<i>Poder Recursos</i>	Poder através do controle de materiais e recursos sociais	Bens materiais, riqueza.
<i>Autopromoção</i>	8.	<i>Face</i>	Poder através do prestígio que permite controlar as coisas e o outro	Reconhecimento, respeito social, preservação da imagem pública, manutenção do status
<i>Conservação</i>				
<i>Conservação</i>	9.	<i>Segurança Pessoal</i>	Segurança pessoal no ambiente imediato	Senso de pertença, sentimento de reciprocidade, saudável, limpeza
	10.	<i>Segurança Social</i>	Segurança social e segurança na sociedade em geral	Nação segura de inimigos, ordem e estabilidade social
	11.	<i>Tradição</i>	Manter e preservar tradições culturais, familiares ou religiosas	Respeito às tradições, preservação de costumes, devoção, fé, crença religiosa
	12.	<i>Conformidade Regras</i>	Normas de conformidade, conformidade com regras, leis e obrigações formais	Cumprindo expectativas, autodisciplina, resistência à tentação, obediência, cumprimento de obrigações
	13.	<i>Conformidade Interpessoal</i>	Evitar a perturbação ou prejudicar outras pessoas	Cortesia, honra aos pais, respeito, não enganar os outros
<i>Conservação</i>	14.	<i>Humildade</i>	Reconhecendo a insignificância de alguém no esquema maior das coisas	Humilde, modesto, satisfeito, submissão às circunstâncias da vida, não chamar a atenção
<i>Autotranscendência</i>				
<i>Autotranscendência</i>	15.	<i>Benevolência Dependência</i>	Dependência de benevolência, ser um membro do grupo	Responsável, confiável, lealdade, fidelidade aos amigos
	16.	<i>Benevolência Cuidado</i>	Devoção de bem-estar e bem-estar para os membros do grupo	Útil, trabalho para outros, bem-estar do outro, indulgente
	17.	<i>Universalismo Compromisso</i>	Preocupação, compromisso com a igualdade, justiça e proteção para todas as pessoas	Igualdade para todos, igualdade de oportunidade, justiça social, mundo em paz, tratamento justo, proteção aos mais fracos

18.	Universalismo Natureza	Preservação do meio natural	Proteção ao meio ambiente natureza como unidade, cuidado ao meio ambiente
19.	Universalismo Tolerância	Tolerância, aceitação e compreensão daqueles que são diferentes de si mesmo	Maturidade, sabedoria, compreensão com o diferente

Fonte: Schwartz et al., 2012, p.7.

A Teoria de Valores Refinada especificou a ordem dos valores em torno de círculos concêntricos. Considerando seu arranjo estrutural, estabeleceu as relações de conflito e compatibilidade entre os mesmos. Conforme demonstrado na Figura 11, os três círculos externos identificam as bases conceituais de uma estrutura mais detalhada. O círculo mais externo agrupa os valores em dois grandes grupos, sendo os localizados na parte inferior relacionados a lidar com a ansiedade e proteção do self, (*Autoproteção- evitação da ansiedade*); e os da parte superiores têm seu foco relacionado ao autodesenvolvimento e são relativamente livres de ansiedade. (*Crescimento autoexpansão*). O círculo seguinte ao mais externo distingue os valores voltados a resultados para a própria pessoa (metade direita), e os voltados a resultados para outras pessoas ou instituições (metade esquerda). O próximo indica os quatro valores de segunda ordem, já descritos na teoria original (1992), os quais captam as duas dimensões bipolares de incompatibilidade motivacional entre os valores: *Autotranscendência, Abertura à mudança, Autoproteção e Conservação* (TORRES et al., 2016).

Figura 11: *Motivational Continuum* dos dezoito valores da Teoria de Valores Refinada



Fonte: Torres, 2016, p. 343.

Schwartz et al. (2012) ainda destacaram três considerações importantes nesta teoria refinada. Primeiro foram feitas considerações sobre as razões de mudanças na localização dos valores de *Benevolência* e valores de *Universalismo* no círculo, em relação à localização anterior, ressaltando que seriam necessárias pesquisas adicionais para avaliar essa inversão. A segunda consideração foi em relação às descrições sobre a compatibilidade dos dezenove valores estabelecidos. Da mesma forma como descrito na teoria anterior, os pares de valores compatíveis emergiram em regiões adjacentes demonstrando que, provavelmente, os indivíduos buscam tipos compatíveis ao mesmo tempo, assim como àqueles que emergiram nas regiões de conflito. E a terceira, é quanto à possibilidade de considerar, novamente, todos os dezenove valores estabelecidos, ou as ordens estabelecidas sob a forma de contínuo, o *Motivational Continuum*, permitindo distinguir vários níveis de abstração dentro da hierarquia motivacional (SCHWARTZ et al., 2012).

Para verificar a solidez e aplicabilidade da Teoria de Valores Refinada foi desenvolvido um instrumento de mensuração capaz de representá-la, o PVQ-R (Questionário de Valores Refinado, do inglês *Portrait Values Questionnaire – Refined*).

O questionário apresenta 57 breves descrições de pessoas diferentes, cada uma com as metas, aspirações ou desejos implicitamente relacionados ao valor em questão. As descrições têm variações por sexo (com versões masculinas e femininas do mesmo item) e representam uma revisão do questionário utilizado por Schwartz et al. (2012). [...] Para cada descrição, os participantes deveriam indicar a semelhança deles em relação à pessoa descrita em uma escala de seis pontos: 1 = não se parece nada comigo até 6 = se parece muito comigo. Com isso, sugere-se que os valores implicitamente apresentados nas descrições dos itens permitem inferir os valores dos próprios respondentes. (TORRES et al., 2016, p. 344).

Os resultados da pesquisa Schwartz et al. (2012) sobre o instrumento desenvolvido para medir os valores desta teoria teve como amostra dez países, onde não estava incluso o Brasil, em 2016, Torres et al., apresentaram uma versão deste instrumento modificada e adaptada para amostras brasileiras.

Mas, será realmente possível, a partir das correlações entre comportamento e valor, ampliar a compreensão do fenômeno comportamental associado ao equilíbrio planetário? Será que indivíduos se comportam de acordo com seus valores? Ao considerarmos a percepção do comportamento, essas correlações se mantêm ou se

modificam? E, assim sendo, é factível a utilização destes dois instrumentos, o PQV-R e a EPCE?

Bardi e Schwartz (2003) realizaram estudos em torno da questão “relação direta entre valores e comportamento”. Eles sugeriram que o conjunto de conflitos motivacionais e compatibilidades que organizam relações de valor, também organiza relações entre comportamentos expressivos de valor (BARDI; SCHWARTZ, 2003).

Além deste estudo, existe um extenso repertório sobre esta temática. Contudo aqueles que contemplam especificamente a percepção do comportamento ecológico, em geral, estão relacionados a temáticas específicas, consumo de produtos, arquitetura e urbanismo e *design*, como já citado anteriormente.

2.3.Percepção Ambiental: conceitos e definições

A percepção como tema específico teve seu campo de origem na filosofia e psicologia e foi sendo ressignificada pelas demais áreas a fim de tornar compreensíveis os comportamentos humanos [...]. (KUHNNEN, 2011, p. 250).

Etimologicamente, a palavra percepção se origina do latim, *perceptio -ónis*, que significa ação de colher, colheita, conhecimento, percepção (FERREIRA, 2008), sendo dicionarizada pela primeira vez em 1813 (CUNHA, 2010). A maioria dos dicionários da Língua Portuguesa a significa como ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual (MARIN, 2008).

A complexidade do termo, que vai do uso dos sentidos no reconhecimento de um objeto a respostas a estímulos, revela diferentes enfoques teóricos e campos de estudos. Inicialmente foram os fisiologistas e físicos que tiveram interesse pelo tema como objeto de pesquisa, numa tentativa de explicar as observações feitas por indivíduos do mundo que os rodeia (HOCHBERG, 1973, apud MARIN, 2008).

Outros importantes pensadores também se debruçaram sobre o tema. Para Piaget (1978), percepção era um instrumento essencial no processo cognitivo, permitindo ao indivíduo a tomada de consciência do mundo, principalmente através da visão. Vygotsky (1988) entendia que a percepção do mundo não acontecia somente pelos

olhos, mas também através da fala, instrumento de aquisição de formas mais complexas da percepção cognitiva, compondo o complexo processo de mediação entre pessoa e ambiente. Já para Merleau-Ponty (1999) a percepção não estava reduzida a algo totalmente subordinado à cognição ou confundida com divagações, juízos de memória, mas mediada pelos órgãos corporais sensoriais, sistema nervoso, e pela capacidade de movimento e ação do indivíduo (PIAGET, 1978; VYGOTSK, 1988; MERLEAU-PONTY, 1999 apud KUHNEN, 2011).

Considerando esta diversidade e complexidade, associadas à necessidade de se ampliar cada vez mais a compreensão do comportamento humano, à percepção foi acrescentado o termo ambiental.

How does man, as an individual or as part of a particular cultural group, perceive his environment? This question should be a fundamental consideration in all attempts to understand the complex interrelationships between man and the biosphere. Man's decisions and actions concerning his environment are based not only on objective factors, but also on subjective ones: this is the underlying principle of environmental perception [...](WHYTE, 1977).²

A importância desta temática pode ser verificada pela sua inclusão em projetos de pesquisa internacionais, que objetivaram compreender o comportamento humano. Um exemplo é o Projeto 13-Percepção da Qualidade Ambiental, que se encontra dentre os 14 projetos de pesquisa previstos pelo Programa Intergovernamental da UNESCO (*Union Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*), O Homem e a Biosfera (*Man and Biosphere-MAB*). Este foi elaborado por um conjunto de especialistas que considerou para a análise da percepção do indivíduo as seguintes diretrizes: meio ambiente em áreas isoladas ou ecologicamente importantes; paisagens típicas feitas pelo homem com importância ecológica, histórica ou estética, e a percepção da qualidade nos ambientes urbanos.

² Como o homem, sendo um indivíduo ou sendo parte de um grupo cultural particular, observa o seu ambiente? Esta questão deveria ser uma consideração fundamental em todos os sentidos para entender a inter-relação complexa entre o Homem e a biosfera. As decisões e as ações do homem, no que diz respeito ao seu ambiente, são baseadas não apenas em fatores objetivos, mas, também, nos subjetivos: isto é o princípio intrínseco da percepção ambiental. (Tradução nossa)

O entendimento das relações homem-biosfera é relevante, pois sua compreensão é vista como força principal na formação individual e/ou coletiva do meio ambiente (WHYTE, 1977).

[...] percepção ambiental [...] o modo de uma pessoa vivenciar os aspectos ambientais na relação com seu entorno, onde são relevantes não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos psicossociais (cognição, afeto, preferências, etc.), socioculturais (significados, valores, estética) e históricos (contextos políticos, economia, etc.). (ITTELSON, 1978, p. 255).

Assim, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância, pois através dela que o indivíduo toma consciência do ambiente, seja sob uma autodefinição neste ambiente, seja sob uma definição do ambiente que se encontra; possibilitando assim uma real manutenção de relações equilibradas homem-biosfera.

Considerando o exposto, de que forma seria possível identificar, ou até mesmo mensurar, a ampliação da percepção dos participantes após sua participação nesta proposta educativa vivencial, a Oficina Refazer?

Após uma revisão nas literaturas das plataformas Portal de Periódicos CAPES/MEC, Google Acadêmico e a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), cuja busca aconteceu através de termos referentes à percepção, percepção ambiental, e correspondente mensuração foi possível observar a existência de um grande número de estudos específicos relacionados à mensuração da percepção, percepção ambiental e comportamento ecológico. Brandalise e Bertolini (2013) descreveram e analisaram 12 modelos teóricos para este tipo de mensuração. Os autores fizeram uma revisão bibliográfica sobre a medição da percepção e comportamento de consumidores, como forma de melhorar o desenvolvimento de produtos e suas estratégias promocionais (BRANDALISE, L. T.; BERTOLINI, G. R. F, 2013).

Estes mesmos autores, com outros colaboradores, também testaram se a “percepção ambiental está associada ao grau de educação ambiental que a pessoa recebe”, utilizando um instrumento baseado no modelo denominado Variável Ambiental; Percepção e Comportamento do Consumidor (VAPERCOM), visando ao incremento da competitividade de organizações (BRANDALISE et al., 2009, p.273).

Entretanto, como mensurar a percepção ambiental de participantes de uma atividade específica, através de dados coletados por instrumento construído pelos mediadores da Oficina Refazer?

Existem vários métodos e técnicas de pesquisa para esta temática. Whyte (1977) os descreveu, discutiu seus requisitos, sua adequação e incentivo para a inclusão em estudos interdisciplinares. A autora ressalta que não existe método ideal e que as escolhas variam de acordo com o tipo de pesquisa e o problema a ser investigado (WHYTE, 1977).

Faggionato (2002) corrobora com esta ideia:

Diversas são as formas de se estudar a percepção ambiental: questionários, mapas mentais ou contorno, representação fotográfica, etc. Existem ainda trabalhos em percepção ambiental que buscam não apenas o entendimento do que o indivíduo percebe, mas promover a sensibilização, bem como o desenvolvimento do sistema de percepção e compreensão do ambiente (FAGGIONATO, 2002, apud, FERNANDES et al., 2008, p. 150).

Considerando a ideia acima, investigar o conteúdo das mensagens produzidas por indivíduos, sob a forma de desenhos ou palavras, utilizando procedimentos sistemáticos e objetivos para sua descrição e análise, ou seja, os indicadores, pode auxiliar no entendimento da percepção ambiental dos mesmos.

Alinhado com a percepção ambiental a proposta de inclusão com a natureza de Schultz (2002), composta pelos três indicadores oriundos dos três componentes propostos no modelo psicológico da inclusão de indivíduos com a natureza (conexão, cuidado e compromisso) (SCHULTZ, 2002, p. 61-62) pode ser convergente com a Oficina Refazer, pois:

*We are all part of nature. We are born in nature; our bodies are formed of nature; we live by rules of nature. As individuals, we are citizens of the natural world; as societies, we are bound by the resources of our environment; as a species, our survival depends on an ecological balance with nature. Yet as individuals, societies, and a species, we spend our lives trying to escape from nature. We separate ourselves from the natural environment with clothes, cars, houses, and shopping malls. We build roads and cities to make for a more comfortable lifestyle. Indeed, we live our lives as though the natural environment was something abhorrent-something that needs to be tamed and controlled.*³

³ Nós somos todos parte da natureza. Nós nascemos na natureza; nossos corpos são formados pela natureza; nós vivemos pelas regras da natureza. Como indivíduos, nós somos cidadãos do mundo natural; como sociedade, nós somos ligados pelos recursos do nosso ambiente; como espécie, nossa sobrevivência depende de um equilíbrio ecológico com a natureza. Ainda como indivíduos, sociedade, e espécie, nós gastamos nossas vidas tentando escapar da natureza. Nós nos separamos do meio ambiente pelas roupas, carros, casas e shoppings. Nós construímos estradas e cidades para ter um estilo de vida mais confortável. De fato, nós vivemos nossas vidas como se o meio ambiente fosse algo repulsivo que precisa ser domado e controlado. (Tradução nossa)

O primeiro componente, a conexão, refere-se a quanto um indivíduo se autodefine fazendo parte da natureza (ou não). O segundo é o cuidado. É afetivo, pois quando um indivíduo se sente conectado à natureza há um sentimento de proximidade, de intimidade. Quanto mais próximo e íntimo mais ele se importará com a natureza. O último, o compromisso em proteger a natureza. É o componente comportamental, visto que um indivíduo conectado com a natureza se importa, motivando-se a agir de uma forma melhor para com ela.

Muito embora este modelo de inclusão com natureza de Schultz tenha como referência o modelo cognitivo de estruturação do *self* em conexão com a natureza, esta pesquisa utilizará estes três componentes, como indicadores, para compreender a percepção ambiental dos participantes da proposta educativa vivencial Oficina Refazer. Pois, quem percebe se conecta; quem percebe, cuida; quem percebe, se motiva a agir; pois está, de fato, incluído, espera-se que esta proposta possa sensibilizar e despertar os sentidos para ampliar a percepção ambiental, por meio de suas atividades contribuindo para que os participantes se sintam mais conectados com a natureza e se envolvam em ações de proteção do patrimônio socioambiental.

Diante do exposto, a seguir serão apresentados os objetivos do presente trabalho de forma detalhada, seguidos pelo método utilizado para o alcance dos mesmos.

Objetivo Geral:

Verificar e analisar a contribuição de uma prática educativa vivencial para a formação ecológica do participante.

Objetivos específicos:

Identificar a percepção dos comportamentos ecológicos dos participantes, e seus relatos, correlacionando-os com seus valores pessoais.

Verificar a percepção ambiental dos participantes após sua participação na prática educativa vivencial.

3.MÉTODO

O método utilizado nesta pesquisa foi o Misto, em decorrência da combinação do emprego de abordagens qualitativas (quali) e quantitativas (quanti), possibilitando uma melhor análise dos dados coletados.

A pesquisa de métodos mistos é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. [...] Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise de dados: envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada. (CRESWELL; PLANO CLARK, 2010, p. 27).

A partir desta escolha, quatro aspectos foram salientados: distribuição de tempo, atribuição de peso, combinação e teorização (CRESWELL; PLANO CLARK, 2010).

A distribuição do tempo durante a coleta aconteceu de forma concomitante, ou seja, os diferentes tipos de dados (quali e quanti) foram coletados ao mesmo tempo, no desenrolar das atividades propostas na oficina. As coletas dos dados quali, compostos de textos e imagens, e os dados quanti, compostos de escalas e números, ocorreram sem maiores dificuldades, pois existiram instrumentos específicos para cada tipo.

O peso foi atribuído de maneira igualitária, já que a prioridade das abordagens quali e quanti possuía a mesma relevância para este estudo. O aspecto combinação (análise e interpretação) foi o que demandou mais dedicação. Foi necessário utilizar técnicas de pesquisa específicas para a formação e delimitação dos bancos de dados distintos de cada tipo de abordagem, de modo a tornar a comparação entre os mesmos mais factível (determinação da existência de convergência, diferença ou combinação). Por último, a perspectiva teórica condutora de toda a pesquisa.

Considerando esses quatro fatores, dentre as estratégias possíveis do Método Misto, a Abordagem de Triangulação Concomitante foi a mais indicada para a coleta e análise dos dados desta pesquisa (CRESWELL; PLANO CLARK, 2010).

3.1.Contextualização do ambiente de pesquisa

As quatro oficinas foram realizadas nas sedes de instituições públicas e privadas do Distrito Federal e entorno conforme a conveniência dos participantes e após as devidas autorizações. O período de realização desta proposta educativa vivencial

aconteceu entre os meses de março e novembro de 2017. O Quadro 2, a seguir, apresenta o detalhamento deste ambiente de pesquisa.

Quadro 2: Contextualização do ambiente de pesquisa

Denominação e quantitativo de participantes em cada grupo				
	A 12	B 08	C 16	D 07
Origem	Conselho Municipal de Educação de Luziânia/GO (CMEL)	Centro de Referência da Assistência Social - Vila Esperança (CRAS Vila Esperança)	Casa do Candango	Cooperativa de Ensino de Língua Estrangeira Moderna (COOPLEM)
Localização	Luziânia-GO	Luziânia-GO	Brasília-DF	Taguatinga-DF
Área	Urbana	Urbana	Urbana	Urbana
Descrição	Órgão normativo e deliberativo, composto de representantes do governo municipal, unidades educacionais públicas e privadas e representantes dos pais.	Unidade pública municipal descentralizada da política de assistência social.	Instituição filantrópica de caráter assistencial, cultural e educacional.	Cooperativa do ramo educacional.
Coordenador de grupo	Presidente do conselho	Coordenador da unidade de atendimento	Diretora pedagógica da instituição	Diretora pedagógica da cooperativa

Fonte: Presente pesquisa, 2017

3.2. Amostra

Participaram 43 pessoas no total, todas voluntárias, das quais 93% eram mulheres, com média de idade de 41,5 anos (DP = 9,7), sendo 90% com ensino superior completo ou pós-graduação (60% na área da docência, 30% na área social) e 10% com ensino médio completo. Estes foram distribuídos em quatro grupos distintos por instituição (Grupo A=12 participantes; Grupo B= 08; Grupo C=16; Grupo D=07) identificados pelas letras do alfabeto e números de acordo com o quantitativo de cada grupo, para preservar o sigilo e o anonimato.

3.3. Instrumentos

A seguir são apresentados os instrumentos das fases quantitativa e qualitativa desta pesquisa, descritos na ordem de ocorrência na proposta educativa vivencial Oficina Refazer.

Fase quantitativa

3.3.1. Questionário de Valores Refinado (PVQ-R)

Composto de 57 itens que descrevem pessoas com distintas motivações que refletem os 19 valores do modelo teórico de Schwartz, as quais o participante deve se comparar usando uma escala de tipo Likert de 6 pontos (1 = não se parece nada comigo; 6 = se parece muito comigo). Exemplo: Para esta pessoa o importante é formar suas visões de maneira independente.

Ao final foram incluídos dados sociodemográficos como idade, sexo, função na instituição e escolaridade. Ambos compuseram a Ficha de Inscrição (Apêndice A).

3.3.2. Escala de Percepção de Comportamento Ecológico (EPCE)

Composta de 44 itens que descrevem ações ecológicas praticadas por uma pessoa as quais os participantes devem se comparar, utilizando uma escala de tipo Likert de 6 pontos (1 = não se parece nada comigo; 6 = se parece muito comigo). Exemplo: Esta pessoa quando possível utiliza como rascunho o verso do papel que já foi usado (Apêndice B).

Fase qualitativa: Oficina Refazer

3.3.3. Percepção Ambiental

Instrumento concebido por esta pesquisadora para ser utilizado em atividade da Oficina Refazer. Consiste em um desenho de um retângulo, delimitando um espaço em branco, com a seguinte orientação: *Imagine que o mundo que você conhece é este retângulo abaixo. Lembre-se que você está incluído neste espaço. Desenhe o quanto você percebe este mundo* (Apêndice C).

3.3.4. Que vida é essa?

Instrumento concebido por esta pesquisadora para ser utilizado em atividade da Oficina Refazer. Composto por duas colunas destinadas a transcrição de citações positivas e negativas dos ambientes urbanos do passado e do presente, proferidas pelos participantes (Apêndice D).

3.3.5. Uso da Água

Questionário concebido por esta pesquisadora para ser utilizado na Etapa 5 da Oficina Refazer. Composto por 13 afirmativas, as quais tratam sobre o uso da água em atividade do cotidiano, onde o participante tem apenas duas opções de respostas, sim ou não, com a possibilidade de tecer comentários sobre a mesma. Exemplo: Você deixa a torneira aberta enquanto ensaboa e esfrega as mãos? Sim ou Não. Sinta-se a vontade para fazer algum comentário sobre a situação descrita (Apêndice E). As respostas esperadas para cada uma das 13 afirmativas são aquelas que demonstram um comportamento ecológico circunscrito ao item, ou seja, respostas que reflitam comportamentos essenciais ao equilíbrio da vida planetária; especificamente àqueles relacionados ao consumo de água. O Quadro 3 demonstra estes resultados esperados.

Quadro 3: Afirmativas e correspondentes resultados esperados do Questionário Uso da Água

	ITEM	RESULTADO ESPERADO
1.	Você deixa a torneira aberta enquanto escova os dentes.....	NÃO
2.	Sua casa tem vazamentos de água, como por exemplo, torneira que pinga.....	NÃO
3.	Para lavar o chão, ou quintal, ou calçadas, você usa mangueira.....	NÃO
4.	Você deixa a torneira aberta enquanto ensaboa e esfrega as mãos.....	NÃO
5.	Seu banho dura mais que 10 minutos.....	NÃO
6.	Você dá descarga no vaso sanitário mesmo sem ter sido usado.....	NÃO
7.	Você deixa a torneira aberta enquanto lava a louça.....	NÃO
8.	Você lava o carro/moto com mangueira. (ou conhece alguém).....	NÃO
9.	Você utiliza a água do enxágüe da máquina de lavar para outros fins, como por exemplo, lavar o chão.....	SIM
10.	Além de papel higiênico, costuma colocar cotonete, bituca de cigarro, absorvente no vaso sanitário....	NÃO
11.	Suas roupas são lavadas, independente, da quantidade que tiver.....	NÃO
12.	Você retira os restos de comida da louça e panelas, antes de lavar.....	SIM
13.	Roupas muito sujas na sua casa, são deixadas de molho, antes de serem lavadas.....	SIM

Fonte: Questionário Uso da água.

3.3.6. Roteiro da Roda de Conversa

Conduzida pela moderadora, iniciava-se um roteiro com questões abertas sobre a oficina Refazer. *O que foi a Oficina Refazer para vocês? Quando se entra numa ação, geralmente, se entra com determinadas ideias, com determinados conceitos. Depois de tudo que foi conversado, vivenciado, o que foi a Oficina Refazer para vocês? Fiquem bem à vontade para se expor. Quem quer começar?*

3.4. Procedimentos

As instituições participantes foram selecionadas por conveniência em razão do contato da pesquisadora com seus dirigentes, os quais, posteriormente, se configuraram como coordenadores de grupo. Estes recrutaram voluntários para participar desta proposta educativa vivencial, estruturada em seis etapas consecutivas, desenvolvidas a partir de um cronograma acordado com os participantes. A dimensão quantitativa foi composta do PVQ-R e da EPCE; aplicados em dois momentos distintos, antes (PVQ-R) e depois da mesma (PVQ-R e EPCE). Antes, pelo menos uma semana antes do início da Etapa 1, e depois do término de todas as atividades da Etapa 6. O PVQ-R fez parte, juntamente com os dados sociodemográficos, da Ficha de Inscrição.

Na abertura das atividades da Etapa 1 (Que Vida é essa?) foi distribuído a EPCE❶, juntamente com o instrumento Percepção Ambiental❶. Após preenchimentos, foram iniciadas as atividades específicas desta etapa. Dentre estas, o participante individualmente foi convidado a examinar minuciosamente, através do sentido da visão, dois cenários compostos de elementos concretos característicos de um ambiente urbano do passado e de um ambiente urbano do presente, sem determinação histórica ou espacial, conforme já explicitado na descrição da Oficina Refazer. Após este exame minucioso, cada participante cita, por escrito no instrumento Que vida é essa?, os aspectos positivos e negativos percebidos em cada cenário. Esta citação é livre, não havendo restrição quanto ao tipo de aspecto escolhido. Desse modo, é possível destacar apenas aspectos negativos ou positivos ou ambos.

Originalmente, esta atividade foi concebida com o objetivo de suscitar no participante a percepção de elementos concretos, ou físicos, somente por meio da visão. A utilização de outros sentidos, ou a percepção de elementos abstratos ou emocionais não estava prevista para esta atividade. Ao estabelecer a leitura flutuante de aspectos transcritos, ficou evidente a presença de vários elementos percebidos pelos participantes

através de outros sentidos, de forma abstrata ou emocional. A partir desta constatação, as categorias formuladas foram subdivididas em *Aspectos Concretos*, quando o elemento é concreto, físico, real, percebido somente através do sentido da visão; e *Aspectos Abstratos*, quando o elemento advém de uma intenção, inferência, crença, sentimento, emoção ou percepção através dos outros sentidos.

Já as citações foram agrupadas em duas unidades de significação, formuladas considerando os aspectos positivos e negativos em cada ambiente urbano (presente e passado). As sete categorias foram formuladas a partir destes critérios, estabelecidos pela pesquisadora:

1. *Natureza*, ou seja, conjunto de elementos pertencentes ao mundo natural (excluindo-se àqueles agrupados em categorias específicas);
2. *Água*, onde foram agrupados todos os elementos, ou quaisquer aspectos que se relacionem com a mesma;
3. *Pessoa*, em ocorrência individual ou coletiva;
4. *Animal*, doméstico ou selvagem ou quaisquer aspectos que se relacionem com os mesmos;
5. *Subsistência*, como conjunto de meios essenciais à manutenção da vida;
6. *Estrutura*, referente à infraestrutura, visível ou percebida racionalmente;
7. *Miscelânea*, para os elementos os quais não se encaixam em nenhuma das categorias acima especificadas.

Abaixo o esquema das formulações propostas.

Unidades de significação							
Aspectos Positivos				Aspectos Negativos			
Categorias	Natureza	Água	Pessoa	Animal	Subsistência	Estrutura	Miscelânea
Subcategoria	Concreto			Abstrato			

Nas Etapas 2 e 3 foram realizadas atividades com foco na temática relações interpessoais, iniciando com produções individuais, seguidas de produções coletivas, objetivando a construção de uma unidade grupal. Na Etapa 4 foram realizadas atividades com foco na temática homem e sua relação com a natureza, com o foco no consumismo, seguindo o mesmo princípio, do individual para o coletivo. Na Etapa 5, com o foco na temática uso da água, além das atividades qualitativas, foi aplicado o questionário Uso da Água, o qual foi preenchido pelos participantes. Na Etapa 6, a Roda

de Conversa foi finalizada com o preenchimento da EPCE², juntamente com o instrumento Percepção Ambiental².

3.5 Análise dos dados

Foram realizadas análises compatíveis com cada tipo do dado coletado considerando as características dos questionários, instrumentos aplicados, e a estratégia utilizada.

Para a abordagem quantitativa, o meio utilizado foram provas matemáticas simples como contagem e percentagens; ou análises descritivas e inferências complexas, com a utilização do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 21. O SPSS possibilitou o gerenciamento de dados, seleção e execução da análise e compartilhamento de resultados através dos testes estatísticos Análise de Variância (ANOVA) e Análise de Covariância (ANCOVA) para verificar diferenças significativas entre os dois momentos distintos (antes e depois) da Oficina Refazer na relação entre valores e comportamento. Considerando o tamanho reduzido da amostra a PQV-R e a EPCE foram consideradas na sua estrutura fatorial original.

Para a abordagem qualitativa, a técnica utilizada foi a Análise de Conteúdo.

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 48).

Uma sistematização objetiva possibilitou uma generalização dos dados coletados e interpretados, originados via verbal (escrita) e figurativa (desenhos, símbolos), os quais foram, necessariamente, vinculados às condições contextuais dos participantes desta proposta educativa vivencial. Foi “indispensável conhecer novas possibilidades de identificação e de uma análise consistente e substantiva do conteúdo das mensagens que expressam crenças, valores e emoções a partir de indicadores figurativos (FRANCO, 2012, p. 12-13)”.

As fases da Análise de Conteúdo foram pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados a partir da inferência e interpretação. Na pré-análise a chamada “leitura flutuante”, proposta por Bardin ocorreu quando da digitação (quando

escritos), ou transcrição (quando áudio) dos dados coletados por esta pesquisadora. É esta leitura flutuante que permitiu o “estabelecimento das primeiras impressões e orientações”(BARDIN, 2011, p. 126).

O material produzido foi considerado representativo, pois se originou de todos os 43 participantes, corroborando com a Regra da Representatividade. Pelo fato dos instrumentos de coleta destes materiais serem concebidos para fins específicos, os documentos se configuraram como homogêneos, apresentando “demasiada singularidade”, obedecendo a Regra da Homogeneidade. Todos foram efetivos, na medida em que relacionaram adequadamente com os objetivos desta pesquisa e das atividades propostas, ou seja, em convergência com a Regra da Pertinência (BARDIN, 2011).

Para sua exploração optou-se pela formulação das Unidades de Significação, codificadas e correspondentes ao segmento de conteúdo considerado. Já as Categorias foram formuladas conforme os critérios convergentes com tipo de dado coletado, com o referencial teórico considerado para sua análise e as atividades desenvolvidas na Oficina Refazer.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos (BARDIN, 2011, p. 147).

O tratamento dos resultados, a partir de inferências, decorreu do fato de que o “interesse não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes nos poderão ensinar após serem tratados [...] relativamente ‘a outras coisas’” (BARDIN, 2011, p. 44).

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os ‘documentos’ que pode descobrir ou pode suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles (BARDIN, 2011, p. 45).

A quantificação dos elementos agrupados nas categorias formuladas, com a qualificação de seus conteúdos propôs superar

[...] a dicotomia clássica entre quantitativo e qualitativo na análise de dados, na medida em que possibilita que se quantifique e empregue cálculos estatísticos sobre variáveis essencialmente qualitativas – os textos. Torna-se possível, a partir da análise textual, descrever um material produzido por determinado produtor, seja individual ou coletivamente (um indivíduo ou um grupo), como também pode ser utilizada a análise textual com a finalidade comparativa, relacional, comparando produções diferentes em função de variáveis específicas que descrevem quem produziu o texto (LAHLOU, 1994 apud CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 514).

Considerando a implicação desta pesquisadora com os participantes no decorrer das atividades, a Análise de Conteúdo dos instrumentos Percepção ❶e❷ contou com a colaboração de três estudantes, do sexo feminino, do curso de Psicologia da Universidade de Brasília, regularmente matriculadas no ano de 2017, com idades e semestres de 21-9º, 20-8º, e 20-7º. As colaboradoras acessaram individualmente estes instrumentos juntamente com um resumo sobre a Oficina Refazer, e sobre os três componentes propostos no modelo psicológico da inclusão de indivíduos com a natureza (conexão, cuidado e compromisso). Neste também havia a seguinte orientação: *Cara discente de Psicologia, sua colaboração consiste em identificar, em cada instrumento (Percepção ❶e❷) os três componentes do modelo psicológico da inclusão de indivíduos com a natureza. Considerando que: quem percebe se conecta; quem percebe, cuida; quem percebe, se motiva a agir; pois está, de fato, incluído; indique se o participante ampliou sua percepção ambiental, após a participação na Oficina Refazer. Por favor, justifique sua resposta.*

Para auxiliar, também, nas análises qualitativas do tipo simples, alguns resultados foram demonstrados através de uma nuvem de palavras, construídas através da ferramenta on-line *WordArt*.

RESULTADOS

Devido ao número reduzido da amostra as análises dos valores pessoais obtidas com o instrumento PVQ-R foram restritas às análises descritivas.

A Tabela 1 descreve a média e o desvio padrão dos 19 valores em ordem decrescente. O valor que mais se destacou foi Universalismo Compromisso, seguido pelo valor Benevolência dependência, Benevolência cuidado e universalismo tolerância sugerindo tendência aos valores de autotranscendência. Já os valores de Poder (Domínio e Recursos) foram os que tiveram as menores médias.

Tabela 1: Intercorrelações dos fatores dos dezoito valores individuais

	Média	Desvio Padrão
UNC Universalismo compromisso	5.4186	1.04930
BED Benevolência Dependência	5.4147	.88594
BEC Benevolência Cuidado	5.3605	.82290
UNT Universalismo tolerância	5.2868	.96932
SES Segurança Social	5.2481	.93744
SEP Segurança Pessoal	4.9109	1.01337
UNN Universalismo natureza	4.8295	1.24163
FAC Face	4.6667	1.23603
COI Conformidade Interpessoal	4.6395	1.12566
HUM Humildade	4.6240	.94217
ADA Autodireção Ação	4.4884	1.27314
ADP Autodireção Pensamento	4.3527	1.25684
HE Hedonismo	4.1395	1.30927
ES Estimulação	4.1279	1.31578
REA Realização	4.0698	1.25843
TR Tradição	4.00388	1.440389
COR Conformidade Regras	3.9806	.69978
POD Poder Domínio	2.7636	1.18814
POR Poder Recursos	2.2209	1.19673

Fonte: Instrumento PVQ-R de dos 43 participantes.

As análises entre os valores e os comportamentos ecológicos corresponde à correlação entre os dados coletados pelo PVQ-R e pelo EPCE. Conforme já explicitado o PVQ-R e o EPCE¹ foram preenchidos antes do início da proposta educativa vivencial educativa Oficina Refazer, e o EPCE² no término de todas as atividades da Etapa 6. Os testes foram identificados como teste ¹ (antes) e teste ² (depois). A correlação entre os dois foi significativa ($p < 0,05$) nos tipos de valores demonstrados a seguir:

- a) Correlação significativa tanto em ❶ como em ❷:
- Universalismo Natureza com fator *Ativismo-consumo*: ❶ $r = 0,528, p < 0,001$ e ❷ $r = 0,427, p = 0,004$;
 - Benevolência Dependência com fator *Reciclagem*: ❶ $r = -0,320, p = 0,037$ e ❷ $r = -0,343, p = 0,024^*$
 - Estimulação com fator *Ativismo*: ❶ $r = 0,520, p < 0,001$ e ❷ $r = 0,389, p = 0,01$
- b) Correlação somente em ❶^{**}:
- Hedonismo com *Ativismo*: $r = 0,425, p = 0,005$;
 - Conformidade Interpessoal com *Economia de Água e Energia*: $r = 0,325, p = 0,033$
 - Conformidade Interpessoal e *Ativismo* no pré-teste, respectivamente, e $r = 0,468, p = 0,002$
 - Segurança Social com *Ativismo*: $r = 0,312, p = 0,042$
- c) Correlação somente em ❷^{**}:
- Poder Domínio com *Limpeza Urbana*: $r = -0,393, p = 0,009$

Para verificar se a Oficina Refazer contribui para a percepção do comportamento ecológico dos participantes, primeiro foram analisadas as médias dos quatro fatores da EPCE❶ e EPCE❷, por meio do teste estatístico ANOVA de medidas repetidas, uma vez que se trata da mesma amostra, ou seja, o conjunto dos 43 participantes.

Inicialmente, foi feita uma análise se houve uma diferença geral entre as medidas ❶ e ❷ através dos testes multivariados.

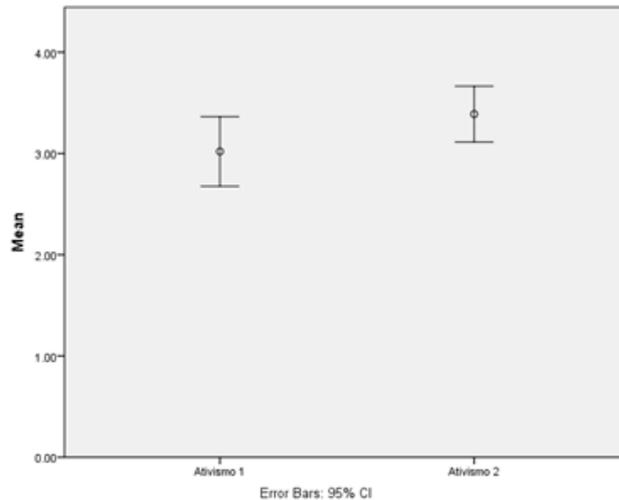
Foi observado que houve um efeito multivariado estatisticamente significativo entre as condições ❶ e ❷, $\text{Lambda de Wilks} = 0,742, F(4, 39) = 3,39, p = 0,02, \eta^2 = 0,25, \text{Poder} = 0,80$. Por convenção, o critério adotado é de $p < 0,05$ para que se rejeite a hipótese nula, e assim, inferir que há um efeito estatisticamente significativo, com certo grau de probabilidade e certeza.

Considerando que o efeito multivariado foi significativo, $p = 0,02$, foram feitas as análises dos efeitos univariados, com a comparação dos quatro fatores da escala um a um. Os resultados indicaram um efeito estatisticamente significativo para ❶ e ❷ nos seguintes fatores:

- *Ativismo*: $F(1,42) = 7,39, p = 0,01, \eta^2 = 0,15, \text{Poder} = 0,76$

As médias de Ativismo foram menores antes ($M = 3,02$, $DP = 1,12$) do que depois da oficina ($M = 3,39$, $DP = 0,90$), conforme Figura 12.

Figura 12: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Ativismo

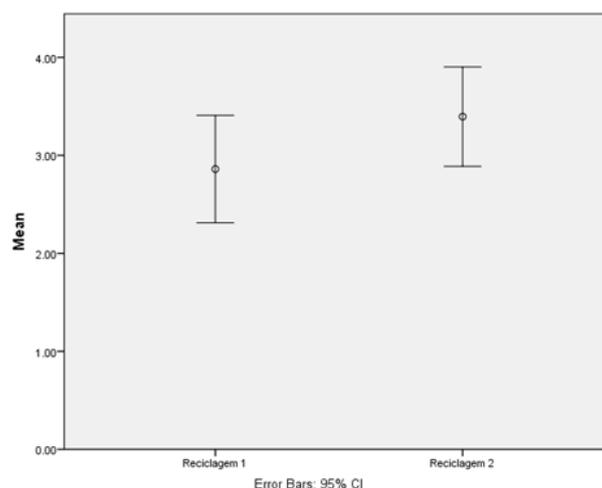


Fonte: Instrumento EPCE dos 43 participantes.

- *Reciclagem*: $F(1,42) = 5,79$, $p = 0,02$, $\eta^2 = 0,12$, $Poder = 0,65$

Para *Reciclagem*, as médias também foram menores antes ($M = 2,86$, $DP = 1,78$) do que depois ($M = 3,39$, $DP = 1,65$), conforme ilustrado na Figura 13.

Figura 13: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Reciclagem



Fonte: Instrumento EPCE dos 43 participantes.

Para *Economia de Água e Energia* ($p = 0,93$) e *Limpeza Urbana* ($p = 0,46$) a diferença não foi estatisticamente significativa.

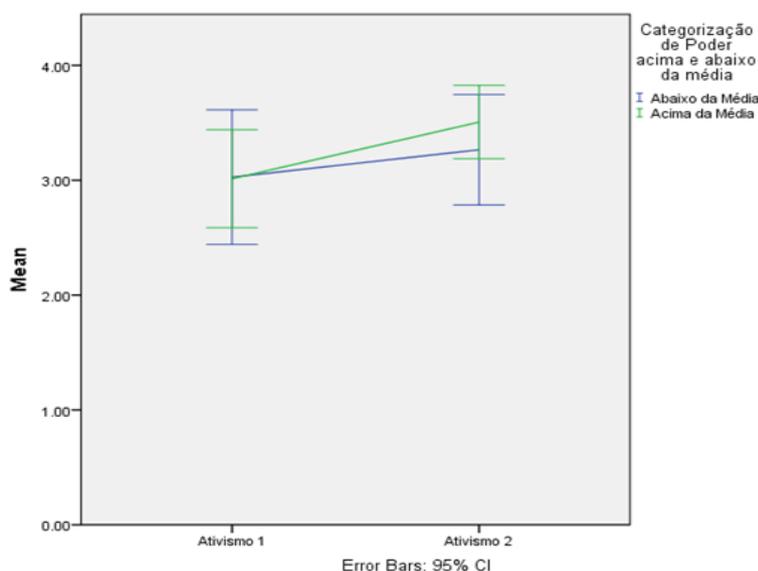
Considerando os dezenove valores propostos pela Teoria de Valores Refinada de Schwartz como covariantes, foram analisadas as diferenças entre ❶ e ❷ dos quatro fatores da EPCE, através do teste estatístico ANCOVA.

Os resultados sugeriram que não houve diferença na Percepção de Comportamento Ecológico ($p > 0,05$) após a realização da Oficina Refazer, exceto para o valor Poder Domínio ($\text{Lambda de Wilks} = 0,62$, $F(4, 20) = 3,08$, $p = 0,02$, $\eta^2 = 0,25$, $\text{Poder} = 0,80$).

Os resultados dos testes univariados indicaram que houve somente um efeito estatisticamente significativo de Poder Domínio sobre o fator de Ativismo, $F(1, 23) = 5,36$, $p = 0,03$, $\eta^2 = 0,19$, $\text{Poder} = 0,60$.

Como ilustrado na Figura 14, a média de Ativismo no teste ❷ é maior para as pessoas que possuem escores acima da média em Poder Domínio ($M = 3,51$, $DP = 0,72$) que para as pessoas com escores abaixo da média ($M = 3,27$, $DP = 1,05$).

Figura 14: Média e intervalo de confiança de 95% dos testes ❶ e ❷ de Ativismo separado por grupos abaixo e acima da média de Poder Domínio



Fonte: Instrumentos PVQ-r e EPCE dos 43 participantes.

Por fim, foram analisados os fatores de *Economia de Água e Energia*, *Limpeza Urbana* e *Ativismo* em uma ANCOVA, utilizando os Valores como covariantes.

O fator *Reciclagem* foi analisado por meio do teste de Wilcoxon para medidas repetidas, devido à falta de normalidade.

Em função do quantitativo da amostra, a normalidade das variáveis foi verificada com a aplicação do teste de Shapiro-Wilk.

Dos quatro fatores desta escala somente três apresentaram uma distribuição normal ($p > 0,05$). Foram eles: *Economia de água e de energia*, *Ativismo-consumo* e *Limpeza urbana*.

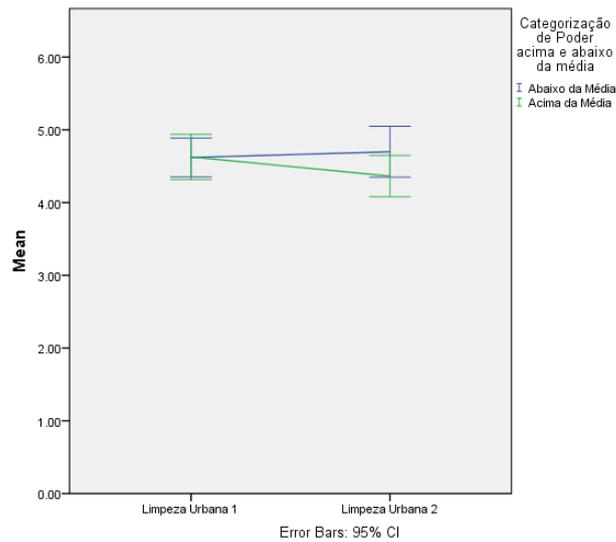
Os resultados multivariados da ANCOVA sugeriram que não houve efeito do tempo (da oficina) na diferença entre as médias dos testes ❶ e ❷ ($p > 0,10$), mas houve um efeito estatisticamente significativo do Poder Domínio na diferença entre o ❶ e ❷, $\text{Lambda de Wilks} = 0,64$, $F(3, 21) = 3,94$, $p = 0,02$, $\eta^2 = 0,36$, $\text{Poder} = 0,75$.

Os resultados univariados comparando o ❶ e ❷ em separado, não indicaram efeitos estatisticamente significativos em nenhuma das três dimensões da Escala de Percepção de Comportamento Ecológico. Cabe destacar o efeito univariado para o fator *Ativismo*. Este foi marginalmente significativo, $F(1, 23) = 2,90$, $p = 0,10$, $\eta^2 = 0,11$, $\text{Poder} = 0,37$.

Observa-se que, neste caso, o poder estatístico é bem menor que no resultado da ANCOVA com o fator *Reciclagem*, ou seja, há uma probabilidade menor de encontrar um efeito pressupondo que ele realmente exista. Se a amostra fosse maior, os resultados poderiam ser diferentes, sendo a correlação significativa.

Os resultados univariados para o efeito de Poder Domínio, na diferença entre o teste ❶ e o teste ❷ indicaram que houve uma diferença estatisticamente significativa entre os escores para o fator *Limpeza Urbana* de acordo com os escores em Poder Domínio, $F(1, 23) = 5,36$, $p = 0,03$, $\eta^2 = 0,19$, $\text{Poder} = 0,60$. Como pode ser visto na Figura 15, os escores do teste ❷ do fator *Limpeza Urbana* foram menores para aqueles que obtiveram escores acima da média em Poder Domínio ($M = 4,36$, $DP = 0,64$) que para aqueles com escores abaixo da média ($M = 4,70$, $DP = 0,77$).

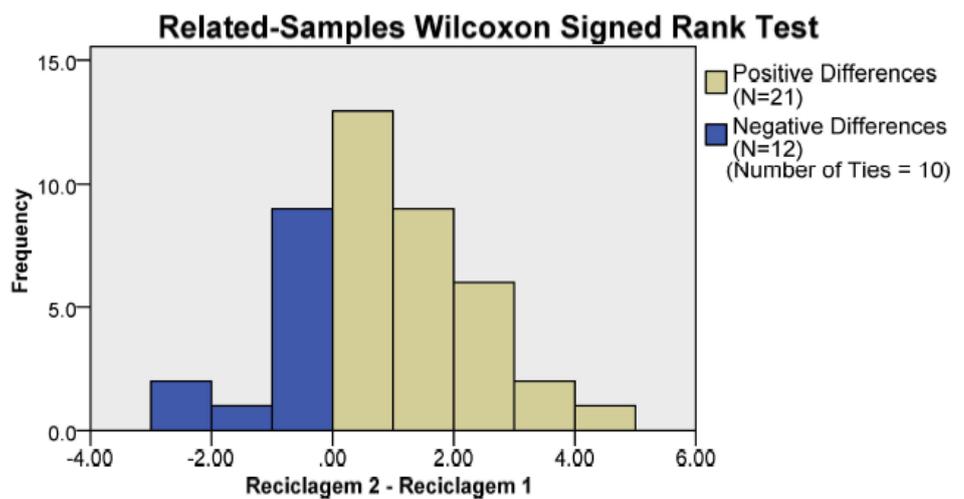
Figura 15: Média e intervalo de confiança de 95% dos Teste ❶ e ❷ do fator Limpeza Urbana separado por grupos abaixo e acima da média no valor de Poder Domínio



Fonte: Instrumentos PVQ-r e EPCE dos 43 participantes.

O teste de Wilcoxon para medidas repetidas indicou uma diferença significativa entre os escores entre o teste ❶ e o teste ❷ do fator *Reciclagem*, $Z = 408,5$, $p = 0,02$, $Poder = 0,35$, indicando uma maior quantidade de diferenças positivas (21) do que negativas (12) e indiferenças (10) (Figura 16).

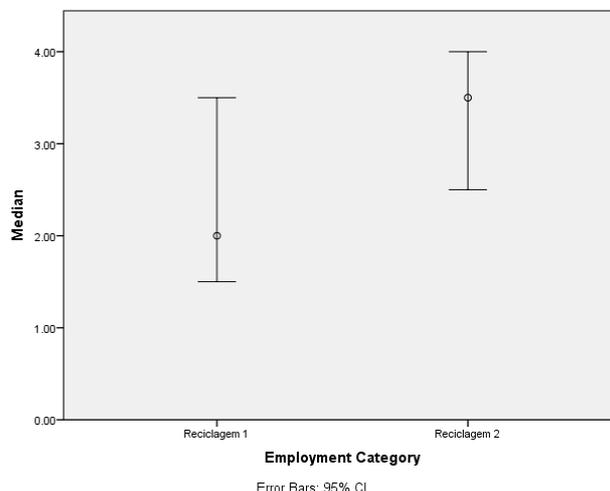
Figura 16: Diferenças positivas e negativas entre os escores dos Testes ❶ e ❷ do fator Reciclagem



Fonte: Instrumentos PVQ-r e EPCE dos 43 participantes.

Conforme Figura 17, os escores do pós-teste foram maiores ($Mdn = 3,5$) do que o pré-teste ($Mdn = 2,0$).

Figura 17: Mediana e intervalo de confiança de 95% do pré e pós-teste de Ativismo



Fonte: Instrumentos PVQ-r e EPCE dos 43 participantes.

Com relação à temática consumo de água, especificamente às atividades da Etapa 5, as respostas ao questionário Uso da água indicaram uma predominância à tendência de comportamento responsável ao uso deste recurso, quando relacionadas aos resultados esperados, conforme demonstrado na Tabela 2, abaixo.

Tabela 2: Demonstrativo dos resultados esperados e correspondentes dados coletados

	RESULTADO ESPERADO	DADOS COLETADOS	
	100%	SIM	Não
1.	NÃO	11,6	88,4
2.	NÃO	18,5	81,4
3.	NÃO	30,2	69,8
4.	NÃO	47,6	52,4
5.	NÃO	27,5	72,5
6.	NÃO	2,3	97,7
7.	NÃO	11,9	88,1
8.	NÃO	45,2	54,8
9.	SIM	60,5	39,5
10.	NÃO	0,0	100,0
11.	NÃO	16,3	83,7
12.	SIM	95,3	4,7
13.	SIM	71,4	28,6

Fonte: Questionário Uso da Água.

Com relação aos aspectos positivos e negativos associados aos cenários de vida passado e presente, os resultados dos aspectos percebidos positiva e negativamente dos ambientes urbanos no passado e no presente, estão graficamente representados nas nuvens de palavras demonstradas nas Figuras 18, 19, 20 e 21. Os aspectos positivos estão demonstrados com a cor azul, e os negativos com a cor vermelha. Já para os aspectos concretos, a tonalidade das cores são as mais escuras, e os aspectos abstratos foram representados pelas tonalidades mais claras. As unidades de significação foram os aspectos positivos e negativos em cada ambiente urbano (presente e passado), as sete categorias *Natureza*, *Água*, *Pessoa*, *Animal*, *Subsistência*, *Estrutura* e *Miscelânea*. As subcategorias foram *Aspectos Concretos* e *Aspectos Abstratos*.

A Figura 18 representa a nuvem de palavras dos aspectos positivos do ambiente urbano do passado.

Figura 18: Aspectos positivos do ambiente urbano do passado



Fonte: Instrumento Que vida é essa?.

A Categoria *Natureza*, Subcategoria Concreta foi a que apresentou a palavra “árvore” com mais frequência (ou aspectos a ela relacionados). A categoria *Pessoa*, Subcategoria Abstrata, foi a segunda que mais agrupou aspectos, embora intencionalmente o número de pessoas em exposição neste ambiente seja menor. Exemplos de alguns aspectos abstratos relatados: “união entre as pessoas”, “convivência”, “amizade”, “calor humano”, “mais conversa”, “felicidade”, “humanidade”, “maior ajuda mútua”, “respeito”, “troca de ideias”. A terceira categoria que mais agrupou aspectos foi *Estrutura*, Subcategoria Abstrata. Aspectos não

concretamente expostos foram relacionados: “pouco barulho da cidade”, “tranquilidade”, “vida sossegada”, “simplicidade no viver”, “qualidade de vida”, “segurança”.

Quanto aos aspectos negativos do ambiente urbano do passado, é possível observar que a percepção dos participantes voltou-se mais para a estrutura dos ambientes, tanto de maneira concreta, como abstrata conforme demonstrado na Figura 19.

Figura 19: Aspectos negativos do ambiente urbano do passado



Fonte: Instrumento Que vida é essa?.

A Subcategoria Concreta foi a mais frequente. Exemplos de alguns aspectos relatados: “meio de locomoção escasso”, “falta de eletricidade”, “sem saneamento básico”, “faltam escolas”, “não havia shopping e não havia internet”. Já os aspectos relatados e agrupados na Subcategoria Abstrata foram: “poucas possibilidades”, “falta entretenimento”, “sem comodidade da cidade grande”, “falta de modernização”, “doenças por causa do saneamento básico”, “escuridão”.

Quanto aos aspectos positivos e negativos do ambiente urbano do presente foi possível observar que a percepção dos participantes também se voltou mais para a estrutura dos ambientes, tanto de maneira concreta, como abstrata. As Figuras 20 e 21 apresentam uma disposição gráfica muito similar.

Figura 20: Aspectos positivos do ambiente urbano do presente



Fonte: Instrumento Que vida é essa?.

Na Figura 20 a Subcategoria Concreta foi a mais frequente. Exemplos de alguns aspectos relatados: “carros bons”, “diversidade de transporte”, “energia elétrica”, “parque da cidade”. Alguns aspectos relatados e agrupados na Subcategoria Abstrata: “tudo ligado”, “muitas novidades”, “informações”, “progresso”, “planejamento”.

Quanto aos aspectos negativos do ambiente urbano do presente a Subcategoria Concreta foi a mais freqüente, conforme demonstrado na Figura 21. Exemplos de alguns aspectos relatados: “poluição visual”, “lixo”, “carros disputando espaço”, “falta de estacionamento”, “casas menores”, “trânsito caótico”. Alguns dos aspectos relatados e agrupados na Subcategoria Abstrata: “poluição sonora”, “violência no trânsito”, “insegurança”, “assalto”, “brigas”, “faltando respeito com os serviços públicos”, “maior distância entre as pessoas”, “menos compaixão”, “perigo ao brincar na rua”.

Figura 21: Aspectos negativos do ambiente urbano do presente



Fonte: Instrumento Que vida é essa?.

Entendendo que é por meio da percepção ambiental que um indivíduo pode vivenciar os aspectos ambientais físicos e psicossociais do seu entorno, e assim de forma plena e verdadeira se perceber incluso na natureza, no planeta Terra, mais uma análise de dados coletados foi desenvolvida. Esta foi realizada nos dados coletados através dos Instrumentos Percepção ❶ e Percepção ❷.

Dos 43 questionários preenchidos, dois não foram considerados. A participante C.4 deixou os dois instrumentos em branco, não sendo possível inferir se não quis participar da atividade, ou se não havia percebido nada no mundo. E o participante D.3 chegou atrasado no primeiro dia, não participando da atividade, portanto não foi possível correlacionar o Instrumento Percepção ❶ com o ❷.

Abaixo três exemplos destes instrumentos preenchidos por participantes, e a correspondente transcrição das análises feitas pelas colaboradoras, as estudantes de Psicologia.

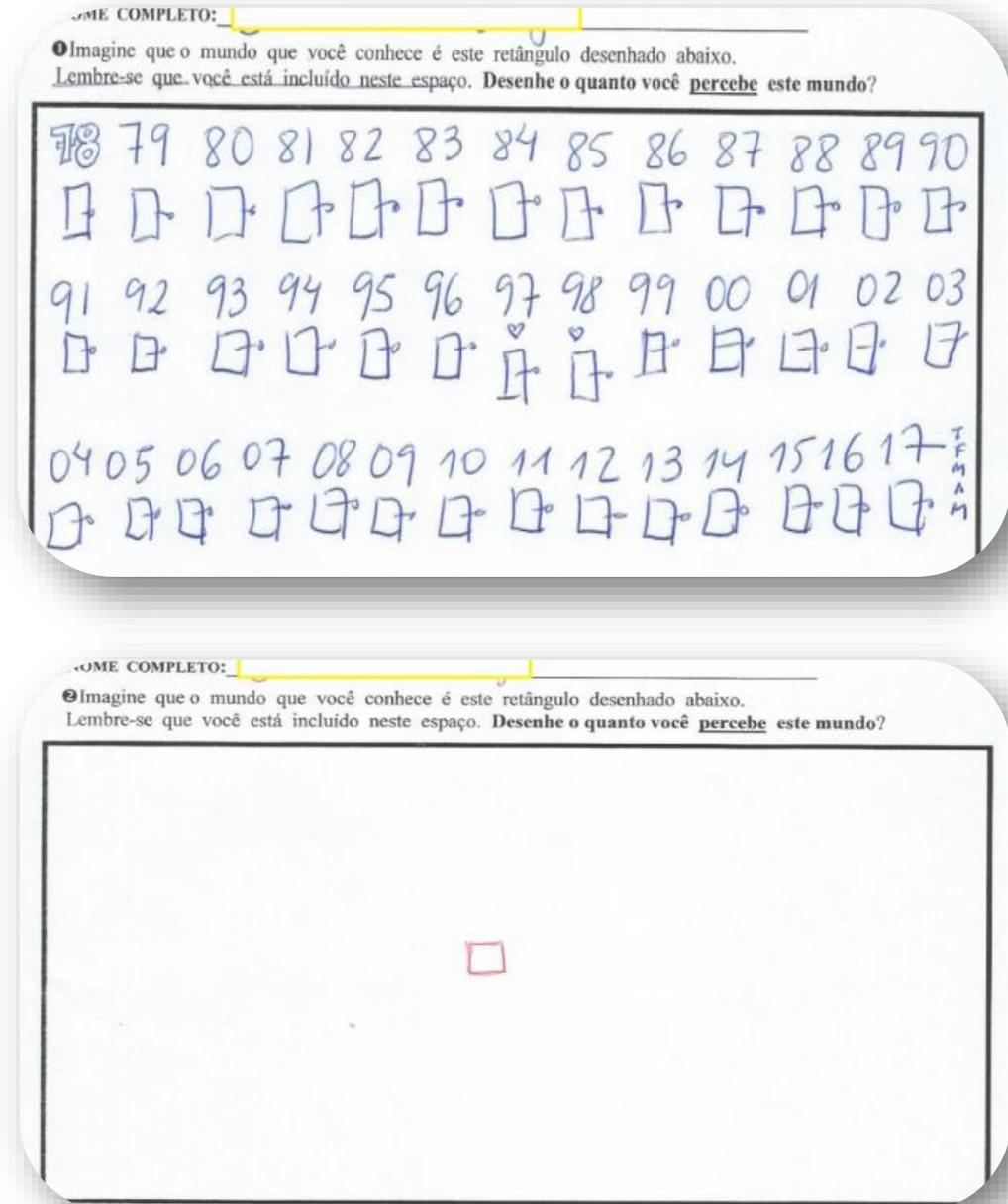
Nas mensagens produzidas pela participante C.7, nos instrumentos Percepção ❶ e ❷ (Figura 22), as colaboradoras não identificaram claramente nenhum dos indicadores. Suas justificativas foram:

Colaboradora 1: Não há elementos da natureza.

Colaboradora 2: No primeiro desenho há muitas portas enumeradas e alguns corações, mas não dá para inferir muita coisa sobre Percepção Ambiental a partir disso.

Colaboradora 3: Não é possível inferir os construtos nas duas etapas.

Figura 22: Instrumento Percepção ❶ (acima) e ❷ (abaixo) da participante C.7



Fonte: Instrumentos Percepção ❶ e ❷.

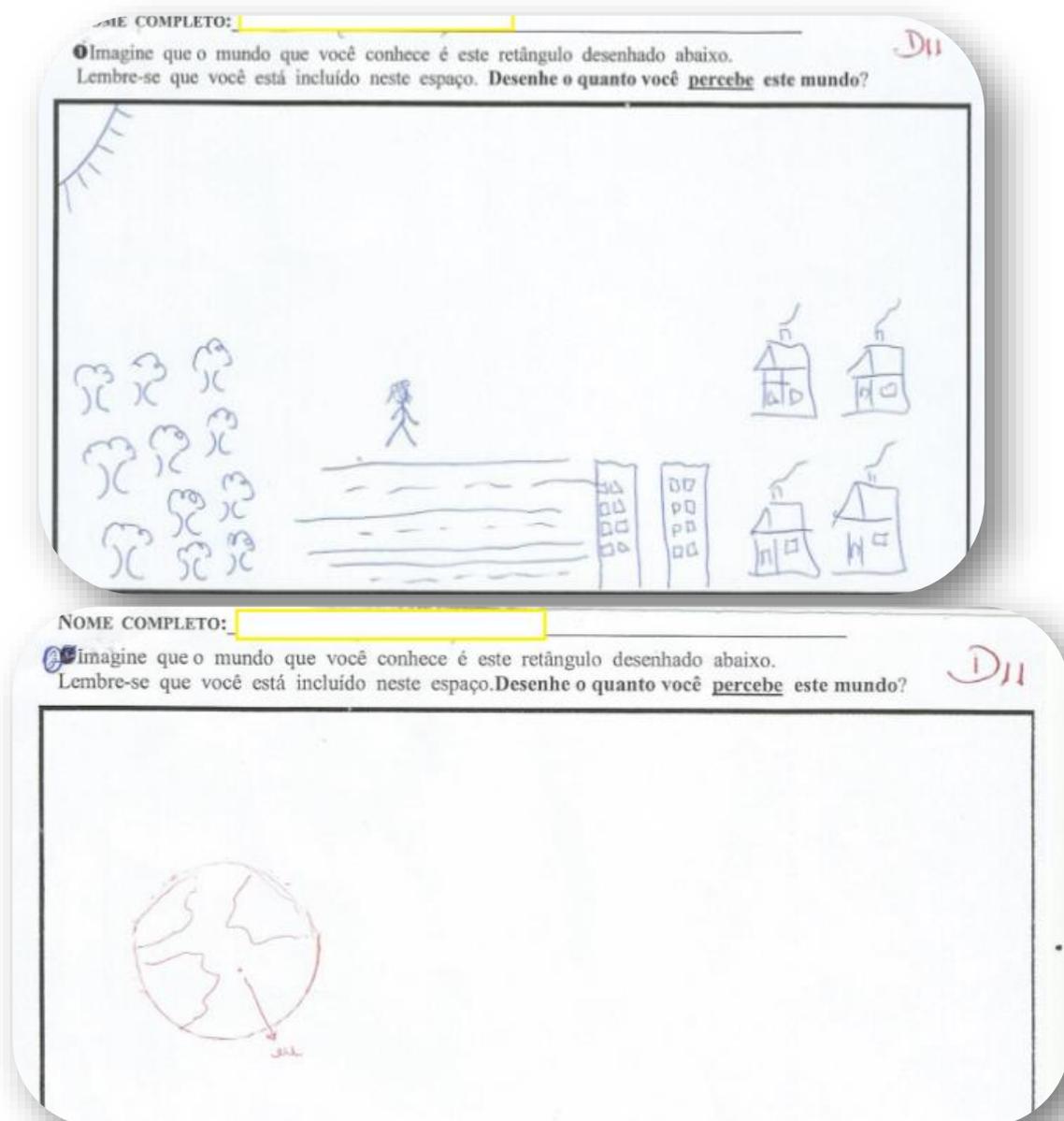
No instrumento Percepção ②, da participante D.11 (Figura 23) a justificativas das três colaboradoras foram:

Colaboradora 1: *Na Percepção ① a pessoa está conectada com a natureza. Na ② amplia esta conexão.*

Colaboradora 2: *No primeiro desenho há muitas árvores, o que pode refletir uma Percepção Ambiental a partir disso. No segundo desenho esta percepção parece ter diluído na imensidão planetária.*

Colaboradora 3: *No primeiro desenho a conexão com a natureza se dilui no ambiente urbano, se ampliando no segundo.*

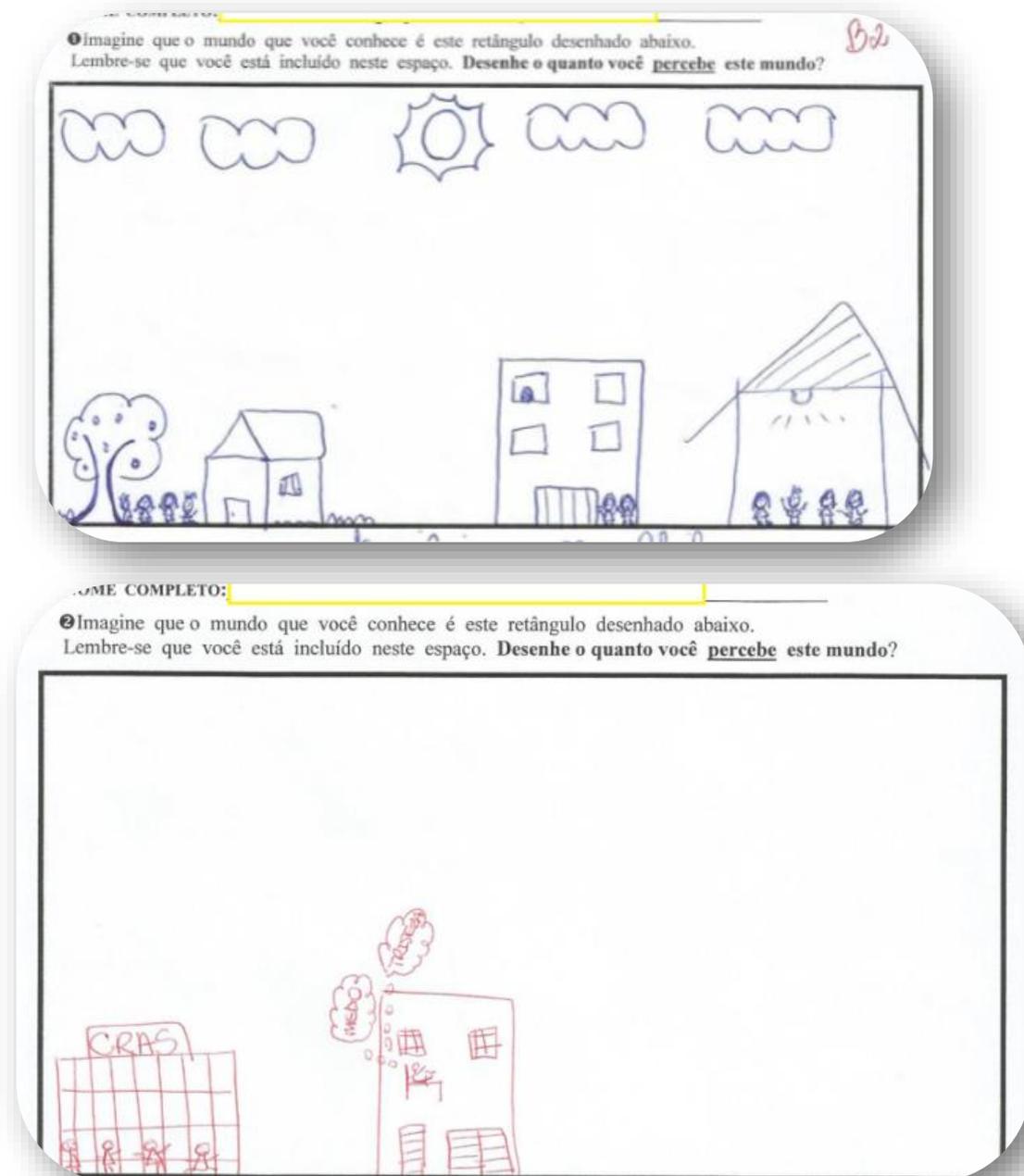
Figura 23: Instrumento Percepção ① (acima) e ② (abaixo) da participante D.11



Fonte: Instrumentos Percepção ① e ②.

A Figura 24 representa os instrumentos Percepção ❶ e ❷ da participante B.2, vinculada à instituição CRAS-Vila Esperança.

Figura 24: Instrumento Percepção ❶ (acima) e ❷ (abaixo) da participante B.2



Fonte: Instrumentos Percepção ❶ e ❷.

As colaboradoras foram unânimes em afirmar que houve uma diminuição dos indicadores, havendo uma diminuição na percepção ambiental. A transcrição das justificativas das colaboradoras demonstra esta unanimidade:

Colaboradora 1: de ❶ para ❷ há um maior afastamento do ambiente. Não surgem aspectos de cuidado ou comportamentais;

Colaboradora 2:[...] tais aspectos podem indicar que houve uma diminuição da Percepção Ambiental ou que a percepção sobre o mundo ficou mais negativa;

Colaboradora 3:representa apenas a percepção negativa da participante acerca do mundo em que vive.(De percepção ❶ para Percepção ❷).

A seguir esses resultados serão discutidos com base no referencial teórico utilizado neste trabalho.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa de método misto investigou a contribuição de uma proposta educativa vivencial, denominada Oficina Refazer, para a formação de valores e ampliação da percepção de comportamentos ecológicos, considerando a sustentabilidade socioambiental, em quatro grupos distintos, sendo dois localizados no Distrito Federal e dois na cidade goiana de Luziânia. A Oficina Refazer está inspirada em uma Educação Ambiental em que o aprendizado dialógico, interativo, reflexivo, no qual a recriação, a reinterpretação de informações, conceitos e significados estão presentes constantemente (JACOBI, 2003).

Para alcançar os objetivos desta pesquisa foram realizadas análises em dados coletados por meio da mensuração da percepção dos comportamentos ecológicos do participante desta prática e a sua fomentação, correlacionando-os com seus valores pessoais, com a verificação da sua percepção ambiental após participação nesta.

A primeira análise desenvolvida foi quanto à estrutura dos valores individuais propostos pela Teoria de Valores Refinada de Schwartz, de acordo com a matriz de intercorrelação dos dezenove tipos. Verificou-se que os participantes apresentaram valores em conflito e em compatibilidade, teoricamente justificado pelo *Motivational Continuum* proposto por esta. Os valores que mais se destacaram nesta amostra foi o Universalismo Compromisso, e o que menos se destacou foi Poder Recursos. O proposto no conteúdo destes valores ratifica esta constatação. No valor Universalismo Compromisso a preocupação, compromisso com a igualdade, justiça e proteção para todas as pessoas estão presentes; no valor Poder Recursos encontra-se o poder através do controle de materiais e recursos sociais. Se considerarmos os dois valores de segunda ordem dispostos nas duas dimensões bipolares de incompatibilidade motivacional entre os valores, também é possível para esta amostra, demonstrar o interesse pelo bem do outro em oposição aos interesses próprios. Ou seja, a Autotranscendência em oposição à Autopromoção. No círculo concêntrico seguinte, os valores voltados a resultados para a própria pessoa, metade esquerda, estão em oposição aos voltados aos resultados para outras pessoas ou instituições, metade direita. Ou seja, nesta amostra o Foco Social é relevante e em oposição ao Foco Pessoal. Estes conteúdos de valores estão em convergência com as variáveis sociodemográficas, dentre elas as que identificam a função que o participante possuiu na instituição no qual está vinculado e sua

escolaridade. A maioria dos participantes apresentou curso superior completo ou pós-graduação nas áreas da docência (60%) e social (30%).

Entendendo que a associação de valores com comportamentos é justificada porque são fontes de motivação; são metas crônicas que levam o indivíduo a buscar e responder a aspectos relevantes, influenciando na atenção, percepção e interpretação de situações (SCHWARTZ; 2005), foi correlacionado a percepção de comportamento ecológico dos participantes com valores pessoais, uma vez que, quanto maior for a prioridade dada a um valor, mais provável será o seu comportamento associado.

Com relação à verificação da possibilidade da Oficina Refazer afetar a percepção do comportamento ecológico dos participantes foram utilizados dois tipos de testes estatísticos. A ANOVA; e considerando os dezenove valores propostos pela Teoria de Valores Refinada de Schwartz como covariantes, foram analisadas as diferenças entre ❶ e ❷ dos quatro fatores da EPCE, através do teste estatístico ANCOVA.

Embora as análises descritas apresentassem uma variabilidade entre si de acordo com o tipo de teste estatístico aplicado, de uma maneira geral, os quatro fatores da EPCE (*limpeza urbana, economia de água e de energia, ativismo-consumo e reciclagem*) se correlacionaram com os dezenove valores captados pelo PVQ-R. Especificamente com relação aos valores que apresentaram uma correlação mais significativa de ❶ (antes da Oficina Refazer) para ❷ (depois da Oficina Refazer) estão os valores Universalismo Natureza com o fator *Ativismo-consumo*; Benevolência Dependência com o fator *Reciclagem*; Estimulação com o fator *Ativismo-consumo*.

Analisando estes conteúdos de valor, seus exemplos, e os respectivos fatores da EPCE, pode-se inferir que as atividades desenvolvidas podem, se caracterizadas como “circunstâncias da vida dos indivíduos”, ter propiciado “oportunidade para expressar alguns valores mais facilmente que outros” (SCHWARTZ; 2005, p. 69), pois os conteúdos de valores e os fatores identificados nestes testes estatísticos se relacionam com diversos aspectos dos temas abordados durante as atividades da Oficina Refazer.

O conteúdo de valor preservação do meio natural, do Universalismo Natureza, cujos os exemplos são proteção ao meio ambiente natureza como unidade e cuidado ao meio ambiente, aparece de forma recorrente nas explanações interativas desta proposta educativa vivencial, buscando fortalecer no participante o *ativismo-consumo*, ou seja,

ações relacionadas à preservação e à conservação do meio ambiente, por meio de participação ativa.

O valor Benevolência Dependência, cujo conteúdo de valor é dependência de benevolência, ser um membro do grupo, pode refletir o quanto o discurso da sustentabilidade está presente. Uma sustentabilidade “dentro dos critérios assinalados de equilíbrio ecológico, de respeito e amor à Terra e à comunidade de vida, de solidariedade para com as gerações futuras e da construção de uma democracia socioecológica” (BOFF, 2012, p. 149). Quanto ao fator *Reciclagem*, que versa especificamente às ações específicas como a de separação do lixo doméstico, pode-se depreender que é necessário ousar para mudar, mesmo que seja em ações pontuais.

O valor Estimulação, cujo conteúdo é estimulação de emoção, novidade e mudança, cujos os exemplos são uma vida e experiências estimulantes, vida variada, novidade, mudanças, aventura, ousadia, busca, está intrinsecamente ligado fator *ativismo-consumo*. Fomentar a sustentabilidade como um paradigma, como uma visão global ou plataforma de princípios gerais, de maneira a permitir entender o mundo e seus problemas, e buscar a soluções dos mesmos (CORRAL-VERDUGO, 2001).

Com relação aos fatores da EPCE que indicaram um efeito estatisticamente significativo ❶(antes) e ❷(depois da Oficina Refazer) estão o *ativismo-consumo* e a *reciclagem*. Estes resultados estão totalmente convergentes às atividades que compõem a Etapa 4- Relações Naturais/Consumismo e a Etapa 5-Relações Naturais/Consumo essencial à vida, as quais buscam possibilitar ao participante identificar pontos de intersecção entre o mundo individual de cada participante com o ato de consumir, suas consequências para si e para o ambiente.

É importante ressaltar, novamente, que o tamanho desta amostra, embora significativa, pode ter interferido em alguns resultados destes testes estatísticos. A possibilidade de aumentar o número de respondentes estava diretamente relacionada com o número de participantes, mas em função do tempo destinado a esta pesquisa, isto não foi possível.

Embora, a EPCE tenha possibilitado coletar dados apenas de uma parte dos comportamentos ecológicos, os resultados obtidos se mostraram relevantes quando correlacionados com o questionário Uso da Água. A transcrição de alguns dos comentários exemplifica esta afirmação, pois podem caracterizar uma tendência da

percepção de comportamento dos participantes se manifestarem mais ecologicamente, e de forma mais responsável com relação ao uso dos recursos mais naturais.

Dois comentários demonstraram um comportamento ecológico efetivo para esta temática. O primeiro: *Arrumei um encanador semana passada, desde quando eu comecei a ver as coisas na oficina!(A.2)*. O segundo: *Já arrumei o conserto, mas ainda acho que tem mais vazamento. Fico ouvindo vazamento ou tô ficando louca...(D.1)*. Entretanto, o comentário *Continuo usando o balde para lavar o chão (A.3)* pode indicar a manutenção de comportamentos realizados anteriormente à oficina. Já o comentário *Moro em apartamento(C.9)* pode ser indicativo de que a realização de novos comportamentos é dependente de muitos fatores, como, por exemplo, o contexto em que um indivíduo se encontra.

Na Afirmativa 4 (Você deixa a torneira aberta enquanto ensaboa e esfrega as mãos) um dos comentários pode indicar o quanto esta proposta educativa vivencial foi efetiva nesta mudança de comportamento, a partir de um modificação da percepção do seu comportamento. A participante C.2 comentou: *Deixo a torneira bem aberta, mas durante as atividades da oficina me dei conta do tanto de água desperdiçada. Vou fechar!*

Mudanças de comportamentos individuais efetivas podem influenciar outros indivíduos. A participante A.1 comentou: *Farei uma reunião familiar, em função das atividades da oficina, decidindo que a cada minuto a mais dos 7 estabelecidos, dentre eles o banho demorado, será perdida 1 hora de internet*. Mas também podem não se modificar intencionalmente. C.14 informou que seu banho durava mais que 10 minutos, e que *Este hábito não iria ser modificar, pois precisava relaxar*.

Embora estas transcrições possam ter demonstrado uma modificação na percepção de comportamento dos participantes desta proposta educativa vivencial, duas observações devem ser feitas.

A primeira é que todos os comentários feitos foram autorelatos, proferidos no transcorrer de uma atividade, ou seja, em um ambiente propício a mudança de comportamentos. Isto não significa, necessariamente, a manutenção dos mesmos de modo a torná-los um hábito ambientalmente corretos.

A segunda se refere ao contexto diferenciado do 2º. semestre de 2017, período em que foram realizadas as atividades. O Distrito Federal estava passando pela mais grave escassez hídrica desde sua criação, impactando fortemente toda sua população e de seu entorno. Corral-Verdugo (2005) entende que os aspectos social e físico do

ambiente influenciam o comportamento das pessoas, pois o problema da escassez de água, especialmente aquela apta para o consumo humano, encontra-se em níveis cada vez mais alarmantes. Segundo ainda este autor existem pesquisas sobre o uso racional deste recurso centrados em atitudes, motivações, hábitos, condições físicas. Entretanto, faz-se necessário ampliá-las, pois há muito pouca investigação acerca de outros tipos de determinantes do uso racional do recurso água (CORRAL-VERDUGO, 2001) .

Esta temática foi recorrente nos comentários dos participantes durante as atividades.

Acho que nunca se teve, assim, pelo menos em Brasília, desde que eu estou aqui, uma preocupação tão grande com o meio ambiente, com a água. Eu não lembro de nunca a gente ter discutido isso tanto. (Transcrição de trecho da Roda de Conversa, no Grupo D)

[...] porque eu vivi uma situação meio atípica na minha vida e eu passei 14 dias sem água e não sou só eu mudando, é todo mundo que tá mudando lá onde eu moro, inclusive minha família. (Transcrição de trecho da Roda de Conversa, no Grupo D)

Em Brasília já fui ao Hospital esses dias e não tem água em Brasília, que é aqui do lado. (Transcrição de trecho da Roda de Conversa, no Grupo A)

Essas transcrições ratificam a importância de se observar que o contexto onde um indivíduo se encontra também é determinante para a percepção de seu comportamento, e para a realização de ações ambientalmente corretas. Isto corrobora com Corral-Verdugo (2001), que entende que este tipo de comportamento pode ser produto, ou resultado, a gerar mudanças visíveis no meio ambiente.

Por último, é quanto à realização de comportamentos, ecologicamente corretos, mas pouco realizados por uma expressiva maioria planetária. Uma participante declarou que (grifo nosso):

Não possuo uma relação normótica com a água, aprendo desde pequena e com meus filhos refletir sobre o uso da água ...tenho cuidado grande e às vezes sou criticada, mas sei que estou no caminho certo. (C.7)

Jean-Yves Leloup chama a atenção para a urgência de se superar obstáculos que impedem de sermos nós mesmos, por medo de ficarmos malvistas, de sermos uma

minoria, de sermos considerados anormais, mesmo que se comportando corretamente, ou melhor, equilibradamente. Para sair deste ciclo são necessárias as “estratégias de tratamento da normose, uma normoterapia” (apud WEILL et al., 2003, p. 94).

Para esta normoterapia acontecer “é necessário educar” (WEILL et al., 2003, p. 95). É preciso informar corretamente.

Alguns relatos corroboram com essas afirmações. Por exemplo, alguns participantes declararam que sua relação normótica com o consumo de água relacionava-se à falta de informação sobre o assunto.

Sim, desconhecia estes números. (Participante C.10)

Sim em parte. Falta de conhecimento. (Participante D.10)

Buscando ainda confirmar que esta proposta educativa vivencial pode se caracterizar como uma atividade interventiva, onde há a possibilidade do participante ampliar sua percepção ambiental, também foram tabulados e analisados os dados coletados através do instrumento *Que vida é essa?* através da técnica Análise de Conteúdo.

A primeira constatação, após a leitura flutuante de aspectos positivos e negativos dos cenários urbanos do passado e presente, foi a presença de vários elementos percebidos pelos participantes através de outros sentidos, de forma abstrata ou emocional, que não àqueles originalmente propostos pela atividade, ou seja, através do sentido da visão.

Percebemos e vivemos o mundo a partir das condições mesmas de nossas “formas de ser”, a partir de identidades próprias que se configuram no quadro das limitações e condições colocadas ao entendimento do nosso mundo no encontro com os fenômenos reais que buscamos compreender (LEFF; 2010. p. 197).

Esta constatação fez com que as análises dos dados coletados se enriquecessem, possibilitando uma verificação mais ampla das formas como os participantes observavam e relacionavam os problemas ambientais. Segundo Marin (2008) o entendimento da percepção ambiental dentro da educação ambiental deve “ir à gênese da existência e descrever os múltiplos modos de vida reveladores do real sentido de inserção do ser humano no seu ambiente.” Assim, foi possível redescobrir “modos de

viver e de se relacionar com a natureza, o lugar habitado e a coletividade”, “uma postura sensível e pró-ativa e uma discursividade enraizada, crítica, capaz de gerar o comprometimento das pessoas” (MARIN, 2008, p.216).

É importante ressaltar que os resultados apresentados podem ser considerados contaminados. A motivação desta contaminação deve-se ao fato desta atividade ser previamente estabelecida, ou seja, os dois ambientes urbanos são compostos por elementos concretos, intencionalmente dispostos, os quais podem suscitar no participante percepções convergentes. Por exemplo, no ambiente urbano do passado há uma quantidade significativa de “árvores”, com uma baixa presença de “pessoas”, conforme o indicado pelas setas vermelhas na Figura 25.

Figura 25: Cenário com o a ambiente urbano do passado



Fonte: da pesquisa

Já no ambiente urbano do presente, as “árvores” quase desaparecem, prevalecendo os “meios de transporte”, com um aumento significativo de “pessoas”, conforme o indicado pelas setas vermelhas na Figura 26.



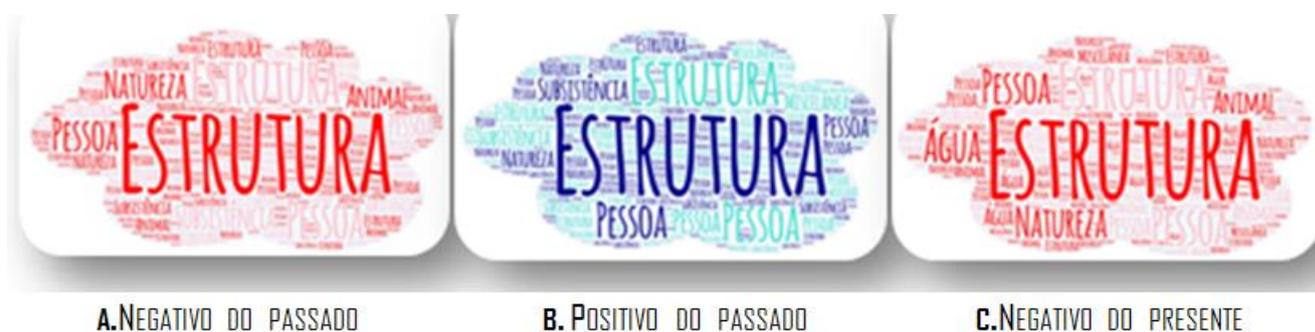
Figura 26: Cenário com o ambiente urbano do presente

Fonte: da pesquisa.

Na figura 20 intitulada Aspectos positivos do ambiente urbano do passado, é possível observar a contaminação dos resultados. A Categoria *Natureza*, Subcategoria Concreta foi a que apresentou a palavra “árvore” com mais frequência (ou aspectos a ela relacionados).

Observando-se a Figura 27, onde as três nuvens de palavras estão dispostas lado a lado- (A) aspectos negativos do ambiente urbano do passado, (B) positivos do presente e (C) negativos do presente, fica evidente uma similaridade entre os gráficos digitais.

Figura 27: Comparativo entre as nuvens de palavras



Fonte: Instrumento Que vida é essa?.

A ausência de elementos que traduzam conforto, comodidade, modernidade percebidos pelos participantes no ambiente do passado, o caracteriza como negativo. Já no ambiente do presente, esta presença é percebida de forma positiva, e, ao mesmo tempo, negativa.

A partir desta visualização foi possível inferir que, para esta amostra, houve um dilema quanto ao modelo de desenvolvimento praticado e, conseqüentemente, quanto à busca e manutenção da sustentabilidade.

Dir-se-ão então sustentáveis as práticas que se pretendam compatíveis com a qualidade futura postulada como desejável. E esta relação entre um presente conhecido e um futuro desconhecido e desejável coloca a noção de sustentabilidade no campo do que alguns chamam de “causalidade teleológica” [...] Ou seja, a causa é definida pelo fim; a ordem de seqüência dos acontecimentos está embutida na condição antecedente definida como causa. É sustentável hoje aquele conjunto de práticas portadoras da sustentabilidade no futuro (ACSELRAD, 1989, p. 80-81).

Pois,

para se afirmar, porém, que algo – uma coisa ou uma prática social – é sustentável, será preciso recorrer a uma comparação de atributos entre dois momentos situados no tempo: entre passado e presente, entre presente e futuro (ACSELRAD, 1989, p. 80).

Uma avaliação desta atividade feita pela participante B.2 pode demonstrar o exposto acima:

A experiência foi maravilhosa, consegui perceber que os meus desejos e objetivos são reforçadores para o ambiente urbano no passado, mas com o contato com ambiente urbano no presente, existem reforçadores que não consigo ficar e é perceptível que prejudica a minha qualidade de vida. Observamos os dois ambientes é notável que nós seres humanos estamos sempre em busca de algo saudável, mas na verdade no momento do agir e da pressão não buscamos a qualidade de vida e sei o comodismo. (Grifo da autora)

Considerando que:

“As percepções do social[...] não são discursos neutros. Produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, a legitimar projetos reformadores ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Consequentemente, os esquemas geradores das classificações e das percepções, próprios de cada grupo ou meio, são verdadeiras instituições sociais que incorporam sob a forma de categorias mentais e de representações coletivas as demarcações da própria organização social. (CHARTIER, 1990, p. 17-18 apud ACSELRAD, 1989, p. 87)

Estes dados ainda possibilitam fazer uma inferência sobre uma parcela significativa dos integrantes de uma mesma sociedade: é prevalente o estado normótico na sociedade contemporânea, em que seus indivíduos, de forma automática e inconsciente, agem sob consenso e conformidade com determinados elementos que a compõe.

Uma avaliação da atividade feita pela participante C.20 pode exemplificar o exposto acima:

Foi uma profunda reflexão, pois percebi que apesar de querermos uma sociedade diferente, com menos poluição, com mais tranquilidade, quando temos a oportunidade de poder fazer diferente, acabamos não abrindo mão de certo conforto e “comodismo” e fazemos a mesma coisa, repetindo as mesmas ações, normoticamente.

Ainda cabe destacar dois resultados que podem ratificar este estado normótico contemporâneo, visualmente demonstrados nas figuras anteriores.

Intencionalmente há uma diminuição intencional de elementos naturais, como árvores, e também da água e a tribo indígena no cenário do ambiente urbano presente, conforme demonstrado na Figura 20. Contudo, isto não foi suficientemente capaz de suscitar nos participantes a percepção de suas ausências. As Categorias *Natureza*, *Água* e *Pessoas* (Concretas e Abstratas) apresentam dimensões muito similares e menos destacadas nas nuvens de palavras. Cabe ressaltar a existência de apenas três citações sobre estas ausências: “faltam áreas verdes”, “falta de rios” e “pouco espaço para os 1ºs habitantes”.

O outro resultado a ser destacado é que somente dois aspectos negativos foram agrupados na Categoria *Animal*. Foram eles: “animais presos”, na subcategoria concreta; e “matadores de animais”, na subcategoria abstrata. A diminuição intencional de seres vivos não humanos, e a colocação dos poucos animais existentes nos ambientes, em local adverso ao natural (foram alocados em um zoológico) podem remeter a uma percepção antropocêntrica e normótica onde o homem se considera, se vê, e se acha o centro de tudo.

Entendendo que é por meio da percepção ambiental que um indivíduo pode vivenciar os aspectos ambientais físicos e psicossociais do seu entorno, e assim de forma plena e verdadeira se perceber incluso na natureza, no planeta Terra, mais uma análise de dados coletados foi desenvolvida. Esta foi realizada nos dados coletados através do Instrumento Percepção❶(antes) e Percepção❷(depois da Oficina Refazer), com a colaboração de três estudantes, do sexo feminino, do curso de Psicologia da Universidade de Brasília, a fim de diminuir a profunda implicação desta pesquisadora com os participantes, e conseqüentemente, com os dados coletados.

Embora a construção dos três indicadores, a serem utilizados na análise dos dados coletados, através da Análise de Conteúdo, estivessem referenciados por um aporte teórico consistente, os mesmos se mostraram inadequados para esta análise dos dados coletados. Esta inadequação ficou clara após a realização de análises detalhadas

das justificativas das três colaboradoras. A seguir alguns exemplos desta complexidade e diversidade das mensagens produzidas, da ausência de unidade nas justificativas das colaboradoras, colaborando para a impossibilidade de se estabelecer correlações significativas entre os indicadores escolhidos e as mensagens.

As justificativas das três colaboradoras sobre os elementos que compõem os instrumentos Percepção ❶ e ❷ da participante C.7 indicaria que esta não se sente incluída, em consequência (ou causa) de uma diminuição de sua percepção ambiental? Ou (o mais provável) os indicadores escolhidos para a identificação da percepção ambiental são insuficientes para tipo de dado e análise proposta? Considerando a singularidade das mensagens nestes instrumentos, esta pesquisadora, em conversa informal com a referida participante C.7, solicitou uma explanação sobre as mesmas. Ela declarou que o instrumento Percepção ❶ (Figura 20, Acima) demonstrava a *linha de tempo dos anos da sua existência*. O primeiro número se referia ao ano de seu nascimento (78). Os dois indicados com o desenho de coração, os anos de nascimento de seus filhos (97 e 98). E o último, 17, o ano em que se encontrava (2017). Com relação ao segundo instrumento, o mesmo demonstrava que a partir da Oficina Refazer, uma nova linha do tempo estava começando (Figura 20, Abaixo).

No instrumento Percepção ❷ da participante D.11 (Figura 23, abaixo), a palavra *eu* indica que ela se percebeu incluída como cidadã planetária, e desta forma ampliou sua conexão, e consequentemente se motivou a cuidar e agir mais plenamente? Considerando as justificativas das colaboradoras, qualquer inferência levando-se em consideração somente estes dados seria precária.

No último exemplo, demonstrado na Figura 24, as colaboradoras foram unânimes em afirmar que houve uma diminuição dos indicadores, havendo uma diminuição na percepção ambiental. Cabe ressaltar que, neste local houve um assalto violento, na semana em que as atividades estavam se desenrolando, marcando significativamente o grupo. Este fato foi intencionalmente omitido para as colaboradoras. É possível observar a percepção negativa da participante após este evento, destacando-se o *CRAS engaiolado* e as palavras *medo* e *tristeza*. Este tipo de mensagem foi recorrente nos instrumentos Percepção ❷ dos participantes deste grupo.

Não foi possível estabelecer uma correlação significativa dos dados coletados sobre a afirmação: quem percebe se conecta; quem percebe, cuida; quem percebe, se motiva a agir; pois está, de fato, incluído. Isto demonstra a importância do pesquisador estar atento ao contexto do objeto de pesquisa. Entretanto, foi possível inferir que houve

alteração da percepção ambiental dos participantes após a proposta educativa vivencial, quando relacionada à inicial.

Ainda especificamente sobre a Oficina Refazer, um trecho transcrito da Roda de Conversa demonstra a necessidade de se disseminar, cada vez mais, propostas educativas vivenciais desta natureza, sob as mais diversas formas e objetivos, nos mais diversos tipos de grupos de pessoas.

Atividades como esta fazem com que a gente entendesse e abrisse nossos olhos sobre o quanto somos hipócritas às vezes. Antes da oficina a gente já pensa que a gente já é todo [...] vamos dizer assim [...] comportadinho, que pensa direito, que é consciente, mas depois da oficina, faz você pensar que não, você ainda tá longe de ser o modelo de ser humano que a Terra precisa, né? Mas eu acho que isso é bom, porque a gente precisa chocar para você acordar. A gente tem que sair dessa mesmice [...]. a gente tem que sair dessa normose.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No geral os resultados indicam uma contribuição desta proposta educativa vivencial para a formação ecológica do participante, em meio aos múltiplos contextos que cercam o participante, mostrando ser uma “[...] experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêem a perceber relações e continuidades antes não percebidas [...]” alargando, deste modo, “os conhecimentos”, enriquecendo “o nosso espírito e dando, dia a dia, significação mais profunda à vida” (TEIXEIRA, 2010, p. 37).

Entretanto, é preciso reconhecer alguns limites. O tamanho da amostra reduzida, por conveniência com os participantes indicados pelos dirigentes das instituições, pode introduzir um viés nos resultados.

Desta forma, esta proposta educativa vivencial não tem a intenção ingênua de ser a responsável por grandes mudanças, pois os múltiplos contextos que cercam o participante desta exigem reflexões cada vez mais complexas e relacionais, a partir de percepções cada vez mais apuradas, de modo que propiciem comportamentos cada vez mais sustentável. E, embora os objetivos desta pesquisa tenham sido alcançados, é preciso estar atento de que a Educação Ambiental deve fazer parte de um processo ininterrupto.

Por fim, é relevante observar o desafio imposto a esta pesquisadora para a realização desta. Profundamente implicada, ora atuou com parcialidade como aquela que concebeu a oficina; ora como mediadora das atividades; ora como observadora das mesmas e ora como a responsável pela coleta dos dados sob a maior isenção possível.

A objetividade não foi “facilmente obtida por causa de sua sutileza e implicações complexas”, pois todo conhecimento foi afetado pelas predisposições desta pesquisadora (GIL, 2008 p. 29). Foi necessário buscar agir com o “rigor da implicação dialética” (BARBIER, 2007, p. 69), onde emoção, sensação e axiologia se entrelaçaram intimamente com dúvidas, críticas e mediação desta pesquisadora em questão.

Embora estas performances tenham demandado um grande esforço, houve uma riqueza de significações para esta pesquisadora e uma riqueza de achados para esta pesquisa, pois a “educação ambiental é um processo no qual todos somos aprendizes e mestres”(LEFF; 2010. p. 218).

No geral, os resultados da pesquisa sugerem a importância de atividades pedagógicas e formativas que sensibilizem os participantes e os motive a ampliar a

percepção ambiental, contribuindo para o fortalecimento de valores que considerem o bem comum, o cuidado e a proteção ambiental e promovam comportamentos ecológicos. Desse modo, espera-se contribuir para a formação ecológica e cidadã desses participantes com vistas à sustentabilidade da vida planetária.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. Discursos da sustentabilidade urbana. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, n. 1, p. 187, maio 1999. ANPUR. Disponível em: <file:///C:/Users/Cla%C3%BAdia/Downloads/Discurso%20da%20Sustentabilidade%20Urbana.pdf> Acesso em: 02 jul. 2017.

ARONSON, E.; WILSON, T.D.; AKERT, R.M. **Psicologia social**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, [s/d]. (Série Pesquisa, v. 3).

BARBIERI, J.C.; SILVA, D. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental: uma trajetória comum com muitos desafios. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, São Paulo, v. 12, n. 3, Edição Especial, p. 51-82, maio-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ram/v12n3/a04v12n3.pdf>>. Acesso em: 22 abr.2017.

BARDI, A.; SCHWARTZ, S. H. Values and behavior: strngth and structure of relations. **Personality and Social Psychology Bulltin**, v. 29, n. 10, p. 1.207-1.220, out. 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BECOMINGHUMAN.ORG. Institute of Human Origins. Disponível em: <<http://http://www.becominghuman.org/node/human-lineage-through-time>> Acesso em: 4 jul. 2017.

BOFF, L. **Sustentabilidade: o que é e o que não é**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRANDALISE, L. T. et al. A percepção e o comportamento ambiental dos universitários em relação ao grau de educação ambiental. **Gest. Prod., São Carlos**, v. 16, n. 2, p. 273-285, abr.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v16n2/v16n2a10>> Acesso em: 05 mai. 2017.

BRANDALISE, L. T.; BERTOLINI, G. R. F.. Instrumentos de medição de percepção e comportamento-uma revisão. **Rev. Ciênc. Empres. UNIPAR**, Umuarama, v. 14, n. 1, p. 7-34, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gp/v16n2/v16n2a10>> Acesso em: 05 mai. 2017.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente (MMA)**. Carta da Terra. 2000. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

BOMFIM, L.S. No Brasil, a ecologia humana é um paradigma científico ou um outro tipo de ciência emergente? In: **XXIst INTERNATIONAL CONFERENCE OF THE SOCIETY FOR HUMAN ECOLOGY (SHE)**, 2015, Santa Ana, Califórnia-EUA. Disponível em: <http://sabeh.org.br/wp-content/uploads/2017/07/ARTIGO-6_2.pdf>. Acesso em: 10 out.2017.

CANDAU, V.M. et al. **Tecendo a cidadania: oficinas pedagógicas de direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, F. Da ecologia geral à ecologia humana. **Fórum Sociológico**, n. 17, p. 127-135, 2007. Disponível em: <<https://sociologico.revues.org/1680>>. Acesso em: 10 out. 2017.

CAVALCANTE, E.; ELALI, G. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORRAL-VERDUGO, V. **Comportamiento proambiental – una introducción al estudio de las conductas protectoras del ambiente**; Editorial Resma, 2001.

CORRAL-VERDUGO, Víctor. Psicologia Ambiental: objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. São Paulo: Psicologia USP. v. 16, n. 1/2, p. 71-87, 2005.

CORRAL-VERDUGO, V. et al. El rol de los eventos antecedentes y consecuentes em la conducta sustentable. **Revista Mexicana de Análisis de la Conducta**, n. 2, p. 9-29, 2011.

CORRAL-VERDUGO, V. **Psicología de la sustentabilidad: un análisis de lo que nos hace pro ecológicos y pro sociales**. México: Trilhas, 2010.

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J.Q. Aproximaciones al estudio de la conducta sustentable. **Medio Ambiente y Comportamiento Humano**, v. 5, n. 1y2, p. 1-26, 2004.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, J.; PLANO CLARK, V. **Designing and conducting mixed methods research**. Thousand Oaks, CA: Sage; 2007.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

EMMONS, K.M. Perspectives on environmental action: reflection and revision through practical experience. **The Journal of Environmental Education**, v. 29, n. 1, p. 34-44, 1997. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00958969709599105>>. Acesso em: 15 out. 2017.

FERNANDES, R. S. et al. Avaliação da percepção ambiental da sociedade frente ao conhecimento da legislação ambiental básica. **Direito, Estado e Sociedade**, n. 33, p. 149-160, jul.-dez. 2008. Disponível em: <<http://www.jur.puc-rio.br/revistades/index.php/revistades/article/view/242/219>>. Acesso em: 17 mai. 2017.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012. (Série Pesquisa, v. 6).

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania**. In: RIO, V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). Percepção ambiental: a experiência brasileira. S. Carlos: EDUFSCar, 1999. 265 p. 2 ed.

FERREIRA, D. et al. Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 31, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312013000200001>. Acesso em: 08 ago. 2017.

FERREIRA, D.S.S. A relação entre o isolamento social e o sentimento de solidão em jovens adolescentes. 2012. Dissertação (mestrado em Psicologia Clínica) – ISPA **Instituto Universitário**, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2281/1/14884.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017

GARCÍA, M.R. Valores, atitudes e comportamento: uma nova visita a um tema clássico. In: GOUVEIA, V.; GARCÍA, M.R. **Psicologia social dos valores humanos: desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados**. São Paulo: SENAC, 2006. p. 87-114.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOMEZ, M. et al. Ecologia humana: a ciência das partes e do todo. In: NOGUEIRA, E.M.S. et al. **Os saberes populares no viés da ecologia humana**. Paulo Afonso: SABEH, 2016. p. 12-26.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. 19. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

GUNTHER, H. Métodos de pesquisa em psicologia social. In: TORRES, C.V.; NEIVA, E.R. **Psicologia social: principais temas e vertentes**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 59-76.

GUNTHER, H. Uma tentativa de traduzir e adaptar a Escala de Valores de Rokeach para uso no Brasil. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, p.5-72, jul/set 1981.

HOCHBERG, J. E. **Percepção**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

JACOBI, P. R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 233-250, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a07v31n2.pdf>>. Acesso em: 17 jun.2017.

JACOBI, P.R. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n118/16834.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2017.

JUÁREZ-NÁJERA, M. et al. An explorative sociopsychological model for determining sustainable behavior: pilot study in german and mexican universities. **Journal of Cleaner Production**, v. 18, n. 7, p. 686-694, 2010. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/223909338_An_explorative_socio-psychological_model_for_determining_sustainable_behavior_Pilot_study_in_German_and_Mexican_Universities>. Acesso em: 23 out.2017.

KUHNEN, A. Percepção ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G.A. **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 250-266.

LAYRARGUES, P. P. Muito além da natureza, educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R.C. de (orgs.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 72-103. Disponível em: <http://www.ifbaiano.edu.br/unidades/valenca/files/2011/05/MUITO-ALEM-DA-NATUREZA_EDUCACAO-AMBIENTAL-E-REPRODUCAO-SOCIAL.pdf>. Acesso em: 10mar. 2017.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARIN, A.A. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/pea/article/view/30047/31934>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

MUNIZ, M.O.; SANTOS, A. A pesquisa em design para comportamento sustentável – lacunas e desafios. **Mix sustentável**, n. 2, p. 58-67, 2015. Disponível em: <<http://mixsustentavel.paginas.ufsc.br/files/2015/11/artigo-6.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

MYERS, D. G. **Psicologia social**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

NAZARETH, J.M. Demografia e ecologia humana. **Análise social**, v. XXVII, n. 123-124, p. 879-885, 1993. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223292810L7vCS1nq7Nm73HI5.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2017.

ODUM, E. P. **Fundamentos da ecologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

PATO, C.M. Comportamento ecológico: relações com valores pessoais e crenças ambientais. 2004. 144 fls. Tese (Doutorado em Psicologia) – **Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília (UnB)**, Brasília, 2004

PATO, C.; CAMPOS, C. B. Comportamento Ecológico. In:CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.) **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 122-143.

PATO, C.; HIGUCHI, M.I.G. Crenças e atitudes ambientais. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.) **Psicologia Ambiental: conceitos para leitura da relação pessoa-ambiente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. P.36-43.

ROHAN, M. J. (2000). A rose by any name? The values construct. **Personality and Social Psychology Review**, 4(3), 255-277.

- ROKEACH, M. **Crenças, atitudes e valores**. Rio de Janeiro: Interciências, 1981.
- SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. **Educação ambiental – pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 17-45.
- SCHRAM, M. T. et al. The Maastricht Study: na extensive phenotyping study on determinants of type 2 diabetes, its complications and its comorbidities. **European Journal of Epidemiology**, v. 29, n. 6, p. 439-451, jun. 2014. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s10654-014-9889-0>>. Acesso em: 08 ago. 2017.
- SCHWARTZ, S. H. Universals in the content and structure of values: Theory and empirical tests in 20 countries. M. Zanna (Ed.), **Advances in experimental social psychology**, v. 25, p. 1-65, 1992, New York, NY: Academic Press.
- SCHWARTZ, Shalom H.. Validade e aplicabilidade da Teoria de Valores. Trad. Viviane Rios. In: TAMAYO, Álvaro; PORTO, Juliana Barreiros (Org.). **Valores e comportamentos nas organizações**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 56-95
- SCHULTZ, P.W. Inclusion with nature: the psychology of human nature relations. In: SCHMUCK, P.; SCHULTZ, W.P. (orgs.). **Psychology of sustainable development**. [s/l]: [s/e], 2002. p. 61-78.
- TAMAYO, Álvaro; PORTO, Juliana Barreiros (Orgs.). **Valores e comportamento nas organizações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- TORRES, C. V. et al. A Teoria de Valores Refinada: associações com comportamento e evidências de validade discriminante e preditiva. **Revista de psicologia da USP**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 341-356, 2016.
- TRIERWEILLER, A.C. et al. Construção de uma escala para avaliar o comportamento sustentável de estudantes universitários por meio da teoria da resposta ao item. In: **XXXVII ENCONTRO DA ANPAD**, 07 a 11 de setembro de 2013, Rio de Janeiro-RJ. Anais... Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_EOR305.pdf>. Acesso em: 23 out. 2017.
- UNESCO. Educating for a sustainable future: a transdisciplinary vision for concerted action. 1997. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/tlsf/mods/theme_a/popups/mod01t05s01.html>. Acesso em: 25 set. 2017.
- WEILL, P. et al. **Normose: a patologia da normalidade**. Campinas: Verus, 2003.
- WHYTE, A.V.T. Guidelines for fields studies in environmental perception. Paris: **United Nations Educational Scientific and Cultural Organization**, 1977. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0002/000247/024707eo.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 017.

APÊNDICE A

Ficha de Inscrição



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação



FICHA DE INSCRIÇÃO

Obrigada por aceitar participar da Oficina Refazer!

Convido você a preencher esta Ficha de Inscrição.

Por favor, preencha todos os itens.

Esta ficha (preenchida) deverá ser entregue até o dia que antecede o início das atividades.

a. Termo de consentimento para a participação da pesquisa

Prezado(a) participante da Oficina Refazer,

Sou estudante do curso de mestrado acadêmico da Faculdade em Educação, da Universidade de Brasília. Estou realizando uma pesquisa cujo objetivo é estudar uma atividade em Educação Ambiental chamada Oficina Refazer, concebida e desenvolvida pela instituição de terceiro setor Movimento Refazer. Seu envolvimento nesta pesquisa consiste em responder ao solicitado, de forma voluntária, sem qualquer tipo de remuneração. Você tem absoluta liberdade caso decida não participar, ou desistir de continuar a qualquer momento. Mesmo não tendo benefícios diretos nesta participação, sua contribuição é fundamental para a realização desta pesquisa e, conseqüentemente para a produção de conhecimento científico. Você poderá entrar em contato para obter quaisquer esclarecimentos e/ou informações, através do nosso e-mail: movimentorefazer@gmail.com (Assunto “Pesquisa Oficina Refazer”, aos cuidados de Cláudia Garavello).

Sua assinatura:

b. Autorização para utilização do uso da imagem

Autorizo a utilização das imagens, originadas durante a realização da Oficina Refazer, em relatórios escritos, visuais e mídia, com o objetivo de divulgar a Instituição de Terceiro Setor Movimento Refazer.

Sua assinatura:

c. Preciso conhecer mais um pouquinho de você.

*Nome completo: _____

*Sua idade? _____ *Seu sexo? () Masculino () Feminino

*Qual é a sua função nesta instituição? _____

*Sua escolaridade:

() Fundamental completo () Fundamental incompleto. Indique a última série cursada: _____

() Ensino Médio completo () Ensino Médio incompleto. Indique o último ano cursado: _____

() Nível superior completo. Indique o nome da graduação: _____

() Nível superior incompleto. Indique nome da graduação, quanto tempo foi cursado: _____

() Pós-graduação completa. Indique o nome do curso: _____

() Pós-graduação incompleta.

d. Para terminar, por favor responda este questionário

Diferentes pessoas estão descritas na tabela abaixo. Leia cada descrição e considere o quanto cada uma dessas pessoas é semelhante a você, ou não. Para indicar o grau de semelhança entre você e esta pessoa, utilize uma escala de 1 até 6 pontos, onde 1 é "não se parece nada comigo" até 6 "se parece muito comigo". Indique a alternativa com um "x".

Não existem respostas certas ou erradas! O que está valendo é a sua participação!

Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
1.	...formar suas visões de maneira independente.						
2.	...que seu país esteja seguro e estável.						
3.	...para ela se entreter.						
4.	...evitar chatear as pessoas.						
5.	...que as pessoas fracas e vulneráveis da sociedade sejam protegidas.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
6.	...que as pessoas façam o que ela diz que deveriam fazer.						
7.	...nunca pensar que ela merece mais do que os outros.						
8.	...tomar conta da natureza.						
9.	...que ninguém jamais a envergonhe.						
10.	...sempre procurar coisas diferentes para fazer.						

Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
11.	...cuidar das pessoas das quais ela se sente próxima.						
12.	...ter o poder que o dinheiro pode trazer.						
13.	...para ela evitar doenças e proteger a sua saúde.						
14.	...ser tolerante com todos os tipos de pessoas e grupos.						
15.	...violar as regras ou regulamentos.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
16.	...tomar suas próprias decisões a respeito da sua vida.						
17.	...ter ambições na vida.						
18.	...manter tanto os valores, quanto as formas de pensar tradicionais.						
19.	...que as pessoas que ela conhece tenham total confiança nela.						
20.	...ser rica.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
21.	...tomar parte nas atividades que defendam a natureza.						
22.	...nunca irritar alguém.						
23.	...desenvolver suas próprias opiniões.						
24.	...proteger sua imagem pública.						
25.	...ajudar as pessoas que lhe são queridas.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
26.	...estar segura pessoalmente.						
27.	...ser uma amiga confiável e fiel.						
28.	...assumir riscos que fazem a vida ficar excitante.						
29.	...ter poder para conseguir com que as pessoas façam o que ela quer.						
30.	...planejar suas atividades de forma independente.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6

31.	...seguir as regras mesmo se ninguém estiver olhando.						
32.	...ter muito sucesso.						
33.	...seguir os costumes da sua família ou os costumes de uma religião.						
34.	...ouvir e compreender as pessoas que são diferentes dela.						
35.	...ter um Estado forte que possa defender seus cidadãos.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
36.	...desfrutar dos prazeres da vida.						
37.	...que todas as pessoas no mundo tenham oportunidades iguais na vida.						
38.	...ser humilde.						
39.	...descobrir as coisas por si mesma.						
40.	...honrar as práticas tradicionais da sua cultura.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
41.	...ser a pessoa que diz aos outros o quê fazer.						
42.	...obedecer todas as Leis.						
43.	...ter todos os tipos de experiências novas.						
44.	...ter coisas caras que mostram a sua riqueza .						
45.	...proteger o ambiente natural da destruição ou poluição.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
46.	...aproveitar qualquer oportunidade de se divertir.						
47.	...se preocupar com todas as necessidades das suas pessoas queridas.						
48.	...que as pessoas reconheçam o que ela alcança.						
49.	...nunca ser humilhada.						
50.	...que seu país se proteja de todas as ameaças.						
Para esta pessoa o importante é...		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
51.	...nunca deixar as outras pessoas com raiva.						
52.	...que todos sejam tratados com justiça, mesmo						

	peçoas que ela não conhece.						
53.	...evitar qualquer coisa perigosa.						
54.	estar satisfeita com o que ela tem e não querer mais.						
55.	...que todos os seus amigos e família possam acreditar nela completamente.						
56.	...ser livre para escolher por ela mesma o que fazer.						
57.	...aceitar as pessoas como elas são, mesmo quando ela discorda delas						

_____, de _____ de 20__.

APÊNDICE B

Escala de Percepção de Comportamento Ecológico



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação



1*As frases abaixo descrevem situações que uma pessoa faz no seu dia-a-dia. O quanto esta pessoa é parecida com você? Para indicar o grau de semelhança entre você e esta pessoa, utilize uma escala que vai de 1 até 6, onde 1 é “**não se parece nada comigo**” até 6 “**se parece muito comigo**”. Marque com um “x” sua resposta. O que você não souber responder, não precisa marcar. **Não existem respostas certas ou erradas! O que está valendo é a sua participação!**

		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
1.	Esta pessoa...Joga todo tipo de lixo em qualquer lixeira.						
2.	Esta pessoa...Ajuda a proteger o meio ambiente						
3.	Esta pessoa...Quando possível, utiliza como rascunho o verso do papel que já foi usado.						
4.	Esta pessoa...Pisa na grama quando quer encurtar caminho						
5.	Esta pessoa...Em sua casa há uma lixeira específica para cada tipo de lixo						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
6.	Esta pessoa...Usa produtos de aerossol (spray)						
7.	Esta pessoa...Deixa a torneira aberta durante todo o tempo do banho						
8.	Esta pessoa...Evita jogar papel no chão						
9.	Esta pessoa ...Dá todo dinheiro que pode para uma ONG ambientalista						
10.	Esta pessoa...Guarda vidros vazios para usá-los novamente quando precisar						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
11.	Esta pessoa...Compra produtos de materiais reciclados quando possível						
12.	Esta pessoa...Quando está em casa, deixa as luzes acesas em ambientes que não estão sendo usados						
13.	Esta pessoa...Fala sobre a importância do meio ambiente com as pessoas						
14.	Esta pessoa...Quando tem vontade de comer alguma coisa e não sabe o que é, abre a geladeira e fica olhando o que tem dentro						
15.	Esta pessoa...Evita desperdício dos recursos naturais						

		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
16.	Esta pessoa... Ajuda a manter as ruas limpas						
17.	Esta pessoa... Evita comprar produtos que são feitos de plástico						
18.	Esta pessoa... Enquanto escova os dentes deixa a torneira aberta						
19.	Esta pessoa... Costuma guardar embalagens plásticas para usá-las novamente						
20.	Esta pessoa... Separa o lixo conforme o tipo						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
21.	Esta pessoa... Guarda o papel que não quer mais na bolsa (ou no bolso), quando não encontra uma lixeira por perto						
22.	Esta pessoa... Evita comer alimentos que contenham produtos químicos (conservantes ou agrotóxicos)						
23.	Esta pessoa... Entrega papéis para reciclagem						
24.	Esta pessoa... Liga o chuveiro e deixa a água escorrendo, enquanto aproveita para fazer outras coisas antes do banho						
25.	Esta pessoa... Em sua casa separa latas de alumínio de outros tipos de lixo para reaproveitá-las						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
26.	Esta pessoa... Faz trabalho voluntário para um grupo ambiental						
27.	Esta pessoa... Escuta música num volume que não incomoda as outras pessoas						
28.	Esta pessoa... Quando está tomando banho, fecha a torneira para se ensaboar						
29.	Esta pessoa... Quando vê alguém jogando papel na rua, pega e joga na lixeira						
30.	Esta pessoa... Colabora com a preservação da cidade onde vive						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
31.	Esta pessoa... Quando não encontra lixeira por perto, joga latas vazias no chão						
32.	Esta pessoa... Evita usar produtos fabricados por uma empresa quando sabe que essa empresa está poluindo o meio ambiente						
33.	Esta pessoa... Quando possível economiza água						

34.	Esta pessoa...Joga as pilhas velhas na lixeira de sua casa						
35.	Esta pessoa...Participa de manifestações públicas para defender o meio ambiente						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
36.	Esta pessoa...Alimenta-se com comidas naturais quando possível						
37.	Esta pessoa...Apaga a luz quando sai de ambientes vazios						
38.	Esta pessoa...Evita desperdício de energia						
39.	Esta pessoa...Evita comer alimentos transgênicos						
40.	Esta pessoa...Compra produtos de uma empresa mesmo sabendo que ela polui o meio ambiente						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
41.	Esta pessoa...Desliga o aparelho de som quando sai do ambiente						
42.	Esta pessoa...Colabora com outras pessoas na limpeza de local público						
43.	Esta pessoa...Quando abre a geladeira já sabe o que vai pegar, evitando ficar com a porta aberta muito tempo para não gastar energia						
44.	Esta pessoa...Mobiliza as pessoas nos cuidados necessários para a conservação dos espaços públicos						
45.	Esta pessoa...Compra comida sem se preocupar se têm conservantes ou agrotóxicos						
		O quanto você se parece com esta pessoa?					
		1	2	3	4	5	6
46.	Esta pessoa...Deixa a televisão ligada mesmo sem ninguém assistindo						
47.	Esta pessoa...Entrega as pilhas usadas nos postos de coleta						
48.	Esta pessoa...Participa de atividades que cuidam do meio ambiente						
49.	Esta pessoa...Evita ligar vários aparelhos elétricos ao mesmo tempo nos horários de maior consumo de energia						

Nome completo: _____

_____, _____ de _____ de 20____.

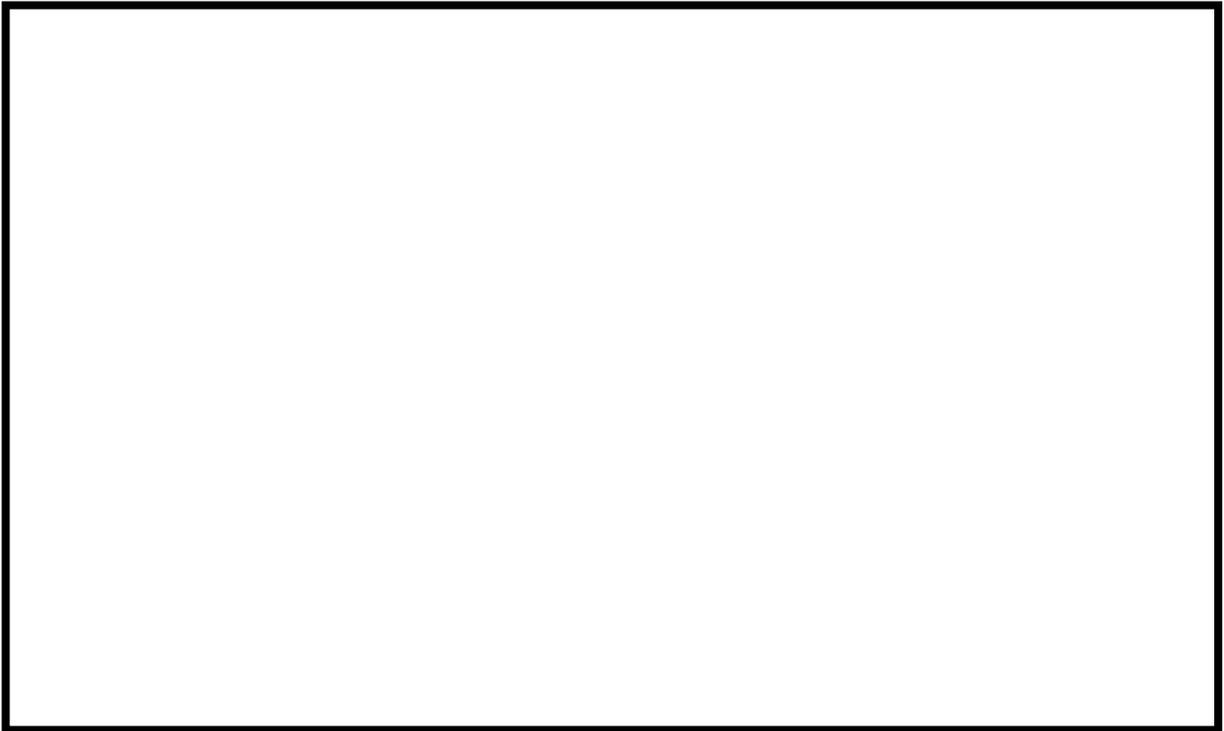
*A numeração pode variar: ❶ Quando o instrumento for utilizado na Etapa 1.

❷ Quando for utilizado na Etapa 6.

APÊNDICE C
Instrumento Percepção

Nome completo: _____

❶* Imagine que o mundo que você conhece é este retângulo desenhado abaixo.
Lembre-se que você está incluído neste espaço.
Desenhe o quanto você percebe este mundo?



_____, _____ de _____ de 20____.

*A numeração pode variar:❶Quando o instrumento for utilizado na Etapa 1.
❷Quando for utilizado na Etapa 6.

APÊNDICE D

Instrumento Que vida é essa?

Etapa "Que vida é essa?"

Nome:

Ambiente Urbano no Passado

Positivo (+)

Negativo (-)

--	--

Ambiente Urbano no Presente

Positivo (+)

Negativo (-)

--	--

APÊNDICE E
Questionário USO DA ÁGUA



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação

Nome : _____

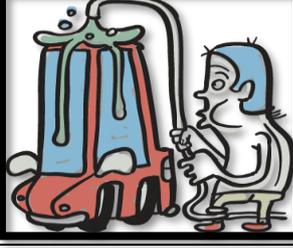
Na tabela abaixo, você vai encontrar situações do seu dia-a-dia. Marque "x" naquelas que você faz usualmente.

Caso você não saiba responder alguma opção, deixe em branco.

Sinta-se à vontade para fazer algum comentário sobre a situação descrita.

Seja sincero!!

	<p>1. Você deixa a torneira aberta enquanto escova os dentes. Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>2. Sua casa tem vazamentos de água, como por exemplo, torneira que pinga. Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>3. Para lavar o chão, ou quintal, ou calçadas, você usa mangueira. Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>4. Você deixa a torneira aberta enquanto ensaboa e esfrega as mãos. Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

	<p>5. Seu banho dura mais que 10 minutos.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>6. Você dá descarga no vaso sanitário mesmo sem ter sido usado.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>7. Você deixa a torneira aberta enquanto lava a louça.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>8. Você lava o carro/moto com mangueira. (ou conhece alguém)</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>9. Você utiliza a água do enxágüe da máquina de lavar para outros fins, como por exemplo, lavar o chão.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>10. Além de papel higiênico, você costuma colocar cotonete, ou bituca de cigarro, ou absorvente no vaso sanitário.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

	<p>11. Suas roupas são lavadas, independente, da quantidade que tiver.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>12. Você retira os restos de comida da louça e panelas, antes de lavar.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
	<p>13. Roupas muito sujas, na sua casa, são deixadas de molho, antes de serem lavadas.</p> <p>Comentários:</p>	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

MEMORIAL DO FIM DESTA JORNADA

Uma jornada é finalizada não quando se chega a um destino, mas sim quando se sente que desta jornada tudo foi aprendido e apreendido.

Será que esta jornada está finalizada? Sim, pois as indagações complexas foram convincentemente respondidas. Não só no âmbito acadêmico (propósito maior desta jornada), mas também no âmbito profissional e pessoal.

No âmbito pessoal, o maior aprendizado foi exercitar a resiliência. Ampliei, profundamente, a minha capacidade de me recobrar facilmente (às vezes nem tanto) perante às intempéries desta complexa jornada, e de se adaptar às mudanças necessárias ao seu prosseguimento.

No âmbito profissional, reconfirmei a certeza de que é o cotidiano, a convivência com outro, a experiência de viver e conviver com a cultura do problema educacional brasileiro instalado, que faz a Educação (qualificada sob as diversas formas) ser, de fato, eficaz, efetiva, ética, e, principalmente, produtiva para todos aqueles que nela estão inseridos.

Por fim, no âmbito acadêmico, é inegável a oportunidade de ampliar o conhecimento, (re)significar concepções, exercitar a lógica e as correlações, aprimorar a organização. Entretanto, considerando a inquietude visceral que me acompanha desde sempre, não posso deixar de destacar alguns cenários no ambiente acadêmico, os quais por vezes perpassam pela normose. Se nós, educadores, buscamos a excelência do processo ensino-aprendizado, a mesma também deve fazer parte da Academia. Não que ela não exista! Sim, ela existe! Existe nos profissionais, nas disciplinas, nas pesquisas, enfim, nos elementos que compõem este cenário! Mas é preciso refletir mais sobre a qualidade e quantidade desta. É preciso refletir, profundamente, sobre algumas relações que causam sofrimento e desgaste. Autonomia não deve ser entendida com solidão. Publicação nem sempre significa qualificação. Ser diferente é acima de tudo respeitar o igual. Ser igual é acima de tudo respeitar o diferente. Discordância não pode estar vinculada à segregação. Desconhecimento não significa inferioridade, mas sim apenas não conhecer, ainda. E por fim, que todos os trabalhos acadêmicos, por vezes arduamente produzidos, não devem apenas significar um instrumento de ranqueamento científico, mas sim uma prática, uma mudança, um refazer! Um caminho melhor!

Mesmo que a normose ainda prevaleça nas múltiplas relações que a humanidade tem com o planeta Terra e consigo mesma.

Mesmo que a humanidade continue sendo a única responsável pela insustentabilidade generalizada.

"Not all the winds, and storms, and earthquakes, and seas, and seasons of the world, have done so much to revolutionize the earth as Man, the power of an endless life, has done since the day he came forth upon it, and received dominion over it."

H. Bushnell, *Sermon on the Power of an Endless Life* (p. 310)

É preciso não ter receio de expor as inquietudes viscerais que nos acompanham desde sempre!

É preciso resistir!

É preciso refazer! Sempre!

Fé e força para todos que acreditam nisto, e que fazem parte desta UTOPIA!

